

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FRANCISCO DE HOLANDA. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA SUA OBRA.

REIS, António Matos

Ano: 1984 | Número: 94

Como citar este documento:

REIS, António Matos, Francisco de Holanda. Introdução ao estudo da sua obra. *Revista de Guimarães*, 94 Jan.-Dez. 1984, p. 209-248.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Francisco de Holanda

Introdução ao estudo da sua obra

Por ANTÓNIO MATOS REIS

Francisco de Holanda faleceu a 19 de Junho de 1584, há precisamente quatrocentos anos. O estudo da sua vida e da sua obra iluminará um importante período da cultura artística portuguesa.

O presente trabalho foi elaborado no âmbito de um programa de investigação que o autor iniciou na Itália, em 1983, com o patrocínio da Fundação Gulbenkian e da Secretaria de Estado da Cultura e sob a orientação do Doutor Carlo Ludovico Ragghianti.

I — PRIMEIROS ANOS

Nos seus escritos Francisco de Holanda dá-nos a conhecer o local e data aproximada do próprio nascimento. No primeiro colóquio com Miguel Ângelo, Vittoria Colonna e Lattanzio Tolomei, instado, por uma artificiosa intervenção da Marquesa de Pescara, a dizer como vão as coisas da arte na sua terra, Francisco de Holanda assim inicia a resposta:

— Temos, senhora, em Portugal cidades boas e antigas, principalmente a minha pátria, Lisboa (1).

O seu pai chamava-se António de Holanda. Pode este nome significar que nascesse nos Países Baixos ou que alguns dos seus antepassados mais próximos daí procedessem.

Por meados da segunda década do séc. XVI ou pouco depois, já António de Holanda estava ao serviço da coroa portuguesa, tendo sucedido no cargo de passavante (2) ao pintor Francisco Henriques, falecido

(1) *Da Pintura Antigua* II, I.

A bibliografia geral relativa à vida e à obra de Francisco de Holanda encontra-se elencada no fim desta introdução.

(2) Era o 1.º grau na carreira da nobreza de armas da corte régia; os graus seguintes eram o «arauto» e o «rei d'armas». Cf. Afonso D'Ornelas, *Tratado Geral da Nobreza por António Rodrigues*, Porto, 1931.

António de Holanda exerceu todas estas funções.

em 1519 (3). Segundo refere o seu filho na carta a D. António, Prior do Crato, António de Holanda era já rei d'armas e escrivão da nobreza do reino, quando desenhou o brasão do infante D. Luís.

Em 1530 fazia os desenhos para as iluminuras da *Genealogia dos Reis de Portugal* (4), coloridas por Simão Bening (e actualmente no British Museum, de Londres).

Desde 1533 até 1537, António de Holanda viveu em Évora — residência privilegiada da Corte Portuguesa — onde fez trabalhos para o Convento de Tomar (5) e outras obras.

Em 1537, sucedendo a Pedro de Évora, foi oficialmente investido no cargo de iluminador das cartas de brasão, que desempenhou até 1542 (6).

Segundo o testemunho do seu próprio filho, sabe-se que António de Holanda executou os *Livros de Horas* (Breviários) de D. Manuel, actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga, e de D. Leonor, agora na Colecção Pierpont Morgan, de Nova Iorque (7). Terá colaborado também na iluminura da *Leitura Nova*, devendo-se-lhe possivelmente o frontispício n.º 18 (1511) do Livro II dos Místicos (8).

(3) A. Raczynski, *Dictionaire historico-artistique du Portugal*, Paris, 1847, p. 213.

(4) António de Aguiar, *A Genealogia iluminada do Infante D. Fernando por António de Holanda e Simon Bening. Estudo histórico e crítico*, Lisboa, 1962.

A. Raczynski, *Les Arts en Portugal*, Paris, 1842, p. 209.

Idem, *Dictionaire Historico-artistique du Portugal*, Paris, 1847, p. 135.

D. José Pessanha, *O Livro de Horas de D. Leonor*, in «Arte portuguesa» (revista), I, pp. 13-14.

(5) J. Vieira da S. Guimarães, *A Ordem de Cristo*, Lisboa, 1901, p. 150.

Em 1534 António de Holanda terá executado também a *Genealogia de D. Manuel Pereira, 3.º Conde da Feira*. Cf. Afonso D'Ornelas, *Elucidário Nobiliárquico*, vol. I, pp. 52 e ss. F. G. Perry Vidal, *A iluminura ao serviço da heráldica e da genealogia, especialmente em Portugal*, Coimbra, 1914, (onde diz que o original se encontra na colecção Teixeira de Matos, em Haya). António de Aguiar, *Acerca de António de Holanda, um dos autores da Genealogia de D. Manuel Pereira, 3.º Conde da Feira*, separata de «Arquivo do Distrito de Aveiro», Aveiro, 1959.

(6) Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da sala de Sintra*, vol. I, 1899, pp. XXII-XXIII.

Em 5 de Março de 1527, D. João III concedeu-lhe uma pensão de 10.000 rs., atendendo aos serviços prestados ou a prestar. Cf. A. Raczynski, *Dictionaire historico-artistique du Portugal*, Paris, 1847, p. 134.

(7) Reinaldo dos Santos, *Les principaux manuscrits à peintures conservés en Portugal*, in «Bulletin de la Société Française de Reproductions de Manuscrits à peintures», 14.º année, 1932, pp. 19-21.

Idem, *O Livro de Horas da Rainha D. Leonor de António de Holanda*, in «Belas Artes», 2.ª Série, n.º 13-14, Lisboa, 1959, pp. 3-6.

Idem, *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. III, Lisboa, 1970, pp. 282 ss.

Dagoberto Markl, *Livro de Horas de D. Manuel*, Lisboa, 1983.

O *Livro de Horas de D. Manuel* poderá datar-se entre 1517, data fixada na página inicial, e 1538, data da iluminura da Adoração dos Magos.

(8) Reinaldo dos Santos, *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. III, Lisboa 1970, pp. 331-332.

Idem, *Les principaux manuscrits à peintures conservés en Portugal*, pp. 19-21.

Nas listas dos artistas com que termina o *Da Pintura Antigua*, Francisco de Holanda coloca o pai no primeiro lugar entre os iluminadores do seu tempo:

«A António d'Ollanda, meu pai, podemos dar a palma e juízo, por ser o primeiro que fez e achou em Portugal o fazer suave de preto e branco muito melhor que em outra parte do mundo» (9). Seguem-se-lhe, pela respectiva ordem, Júlio da Macedónia (Júlio Clóvio), M. Vicencio de Roma, Vante Attavanti e Simão Bening.

Em 1553 ainda Francisco de Holanda na carta escrita a Miguel Ângelo saudava o grande artista em nome de seu pai: «Mio patre António Dolanda si racomanda ala S. V. conesso me insieme» (10). Em 1571, no tratado *Da Fábrica* já dele se recorda com saudade: «meu pai António d'Olanda também que Deos tem» (11).

Outros irmãos teve Francisco de Holanda: Miguel de Holanda era em 1542 Tesoureiro da Fazenda de El-Rei em Goa; Miguel Homem é juiz de fora em Óbidos em 1551; Jerónimo de Holanda, moço de Câmara do Infante D. Duarte (irmão de D. João III); D. Maria, casada com Jerónimo de Azevedo, feitor e tesoureiro de Cochim em 1567 (12).

O único dos irmãos a que Francisco de Holanda se refere, no tratado *Da Fábrica*, é João Homem d'Olanda, que na altura (1571) desempenhava as funções de provedor de Santarém.

De uma carta escrita por Francisco de Holanda a Dom António, Prior do Crato, para integrar no processo de legitimação deste Infante, em 6 de Maio de 1579, e actualmente no Arquivo da Casa do Duque de Alba, em Madrid (13), podemos inferir que António de Holanda, após a morte do Infante D. Luís (27 de Novembro de 1555), e antes da morte do rei D. João III (11 de Janeiro de 1557), já se encontrava com a doença que o levaria deste mundo e que por essa mesma altura deve ter falecido, provavelmente em 1556.

Ainda hoje ignoramos a data exacta do nascimento de Francisco de Holanda. No tratado *De quanto serve a Sciência do Desenho*, dirigindo-se a D. Sebastião, refere «sendo eu da idade de XX anos me mandou El Rei vosso avô a ver Itália e a trazer-lhe muitos desegnos de cousas notáveis della» (14). Holanda situa os seus Diálogos no Outono de 1538, ou seja nos dois domingos anteriores, no próprio dia e no que se seguiu ao do casamento de Octávio Farnese com Margarida de Parma; no quarto desses

(9) *Da Pintura Antigua*, Apêndice «Os famosos illuminadores da Europa».

(10) Fac-símile in Jorge Segurado, *Francisco d'Ollanda*, Lisboa, 1970, p. 18.

(11) *Da Fabrica que Falece ha Cidade de Lisboa*, VII.

(12) Joaquim de Vasconcelos, *Francisco de Holanda — Da pintura antigua*, Porto, 1918, p. 284.

(13) Fac-símile in Jorge Segurado, l. c., pp. 461-463.

(14) *Da Sciência do Desenho*, VII.

diálogos se declara como «sendo eu forasteiro, e havendo um anno só que estou nesta terra» (15). Feitas as contas, podemos concluir que Francisco de Holanda nasceu, mais ou menos, pelo ano de 1517.

Dos anos da sua infância sabemos, ainda por informação do próprio, que viveu em Lisboa em casa do Infante D. Fernando, filho do Rei D. Manuel, quando se refere a Braz Pereira Brandão, do Porto, filho de Fernando Brandão, a propósito da passagem em sua casa no regresso de Compostela: «como quer nos ambos quasi criámos em casa d'aquelle Senhor» (16), isto é, do Infante D. Fernando, nascido a 5 de Junho de 1507, casado em 1530 com D. Guiomar Coutinho, e falecido a 7 de Novembro de 1534, depois da morte dos seus dois filhos e poucas semanas antes da mulher (9 de Dezembro). Senhor de uma das mais importantes casas do país, que, no dizer de Barbosa Machado (*Bib. Lusit.*, Vol. II, pág. 11), podia competir com a real, foi amigo das letras e especialmente dos estudos históricos e genealógicos, segundo a informação do humanista Damião de Góis que, para ele, organizou na Flandres uma grande livraria de obras escolhidas, impressas e manuscritas, entre as quais, referidas pelo mesmo autor, se contam as iluminuras encomendadas a Simão Bening (Benichius) (17).

Após a morte do Infante D. Fernando, se não já antes, Francisco passou a frequentar a casa do infante D. Afonso, em Évora, do qual foi moço de Câmara (18). O infante D. Afonso acumulou vários cargos eclesiásticos: Administrador e Governador do Arcebispado de Lisboa (1517) e das dioceses de Évora (1524) e Viseu (1529), Abade Comendatário dos Mosteiros de Alcobaça e Prior do Convento de Santa Cruz de Coimbra, tendo sido elevado à dignidade de Cardeal, do título de Santa Luzia, e posteriormente de S. Brás (1524), e de S. João e S. Paulo (1536), antes de falecer em 1540, pouco antes do regresso do Holanda.

Além de prelado exemplar, e reformador, foi um fervoroso humanista, que não desdenhava de se sentar nos bancos dos ouvintes, a escutar as lições do mestre André de Resende, dadas nas aulas que abriu nos Paços de Évora, por volta de 1533. Nesta «Escola Pública de Letras Humanas» ensinaram também os humanistas Aires Barbosa, Pedro Margalho e D. Francisco de Melo, futuro Bispo de Goa, que com Clenardo, João Petit e Vazeu, estrangeiros, Pedro Sanches, Jorge Coelho, António Pinheiro e Manuel da Costa, foi membro da Academia Eboresense, fundada por Pedro Sanches, contribuindo para transformar Évora num grande centro cultural (19).

(15) *Diálogos Romanos*, IV.

(16) *Do Tirar polo Natural*.

(17) Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real*, vol. III, p. 403 e ss. Joaquim de Vasconcelos, l. c., p. 49.

(18) *Da Pintura Antigua*, I, II.

(19) Caetano de Sousa, l. c., p. 418.

José Sebastião da Silva Dias, *A Política Cultural da Época de D. João III*, vol. 1. Coimbra, 1969, pp. 104-106, 459-461, 706-709.

As relações com estes humanistas estão documentadas nas poesias que ao Holanda dedicaram Pedro Sanches e António Pinheiro, transcritas a seguir ao prefácio do tratado *Da Pintura Antigua*, e no poema *De Vita Vicentii* de André de Resende, onde o Holanda é chamado «Juvēnis, admirabili ingenio, et Lusitanus Apelles».

O Cardeal Infante D. Afonso, levado pelo amor das antiguidades, criou em Évora na sua Quinta de Valverde uma colecção epigráfica. É neste ambiente que no espírito de Francisco se desenvolve o amor das coisas antigas e desperta o desejo de conhecer a Itália. Talvez com algum exagero, escreve no *Da Pintura Antigua*: «neste lugar seja-me a mim lícito dizer como fui o primeiro que n'este Reino louvei e apregoei ser perfeita a antiguidade, e não haver outro primor nas obras, e isto em tempo que todos quasi querião zombar disso, sendo eu moço e servindo ao Infante Dom Fernando e ao sereníssimo Cardeal Dom Afonso, meu Senhor. E o conhecer isto me fez desejar de ir ver Roma» (20).

Mas não era apenas a curiosidade arqueológica que movia o seu coração. A esta sua formação, acresce a influência exercida no seu espírito pela obra dos artistas atraídos à cidade de Évora, onde floresceram importantes oficinas de pintura e trabalhou Nicolau de Chanterene (21), para estimular no ânimo de Francisco o gosto pela arte, sobretudo nas formas italianas que de um modo titubeante se manifestavam já, de há algumas décadas, em Portugal. Como filho e colaborador do principal iluminador do reino, teve fácil acesso às iluminuras da *Bíblia de Belém* e do *Livro das Sentenças* executadas na oficina dos Attavanti, em Florença.

Filho de um artista, Francisco desde novo sentira amor pela arte. Olhando agora sob outro prisma os tempos da infância, depois de ter lido Plínio, escreve: «a arte da *plastiké* é muito antiga e por ella comecei eu, sendo moço, a aprender. Esta é sculpir em barro, e Praxiteles lhe chamava mãe da scultura, mas eu lhe chamo madrastra, e à pintura ou desenho legítima sua mãe» (22). Superada a recordação da infância, o valor atribuído à pintura ou desenho tem muito a ver com a teoria defendida por Francisco de Holanda, e que em parte mais avançada deste trabalho será analisada, mas está à partida em ligação com a sua formação artística. Nascido de um iluminador, é natural que desde novo se familiarizasse com a mesma arte. Evocando essa aprendizagem, escreve no prefácio do *Da Pintura Antigua*: «eu, que som o menor dos grandes desenhadores, desejo de minha parte quanto posso não esconder, nem deixar assi perder, quanto he maior do que se sabe, esta nobelissima arte que a mi por meu destino coube em sorte: durando-me fielmente do começo de minha mocidade

(20) *Da Pintura Antigua*, I, XIII.

(21) Túlio Espanca, *Notas sobre os pintores de Évora nos Séculos XVI e XVII*, vol. V, 1947, pp. 5-7.

(22) *Da Pintura Antigua*, I, XXXXII.

até agora», e acrescenta: «E muito grandes e infinitas graças dou eu primeiro ao Summo Mestre e Imortal, e depois as dou a meu pai, e muito em mercê lhe tenho que approvando o bom costume dos Atheneenses teve providência de me não desviar minha própria índole e natureza, e me deixou seguir a arte da Sabedoria a mi mais segura e excelente de quantas há n'este grão mundo» (23). Esta «arte da Sabedoria» era a illuminura ou miniatura. No penúltimo capítulo do tratado *Da Pintura Antigua* mostra o favor que tal arte lhe merece: «qui ponho eu a illuminaçam em que me eu criei, pela obra que com pincel se faz mais delicadamente e mais suave e divina: e que é grande parte e muito necessário o começar por ella, para a perfeição e paciência e para as mizclas de todos as cores da pintura». Mas havia um determinado tipo de illuminura que gozava da predilecção do Holanda, como se lê no parágrafo seguinte: «A illuminaçam de branco e preto sobre pergaminho virgem e toques d'ouro moído: esta é minha própria arte, e esta é a própria celestial maneira de pintura em este mundo». Algumas linhas mais à frente acrescenta que «pola vertude do desenho e das mizclas da illuminaçam, minha arte» se lhe tornara fácil pintar a óleo (24).

O Holanda participava já nos trabalhos paternos, como testemunha no quarto Diálogo Romano, referindo uma das suas invenções: «Sendo eu moço, antes de me El Rei nosso Senhor mandar para Itália, estando eu em Évora, fazendo umas duas histórias, de preto e branco, uma da Saudação de Nossa Senhora e a outra do Esp'rito Santo para um breviário solene de sua Alteza, eu achei por mi mesmo aquella maneira de iluminar de átomos e de névoa» (25). A obra referida deve ser o *Livro de Horas de D. Manuel*, que se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa (26).

A formação cultural em ambiente humanista, a própria educação artística e os estímulos da novidade despertaram no seu espírito o desejo de se deslocar a Roma.

II — NA ITÁLIA

O desejo de Francisco de Holanda de ir a Itália encontrou eco favorável no ânimo dos seus protectores, a que diversas vezes se mostrará reconhecido, nos seus escritos. No prefácio do *Da Pintura Antigua* dirige-se, agradecido, a D. João III: «a vós muito glorioso e Augusto Rei e Senhor, dou eu outras tantas graças pela ajuda que até agora me tem dado (mandando-me ir ver Itália) em bens que, ainda que se a nau alagasse, e a cidade

(23) *Da Pintura Antigua*, Prólogo.

(24) *Idem*, I, XXXXIII.

(25) *Diálogos Romanos*, IV.

(26) Cf. supra nota 7.

saqueada estivesse ardendo, eu posso sem impedimento de carga leve-mente comigo trazer a nado» (27). Aos infantes, irmãos do rei, designadamente D. Afonso e D. Luís (D. Fernando era já falecido), alude, igualmente grato, no início do primeiro Diálogo em Roma. Que idade teria nessa altura? A resposta dá-a no tratado *De Quanto Serve a Sciência do Desenho*: «Sendo eu de idade XX anos me mandou El Rei vosso avô a ver Itália e trazer-lhe muitos desenhos de cousas notáveis della» (28).

Já acima se indicou a data provável da chegada do Holanda à Itália. O terceiro Diálogo, segundo refere logo no início, realizou-se no dia do casamento de Octávio Farnese com Margarida de Parma, isto é, em 4 de Novembro de 1538 (29). O quarto Diálogo, logo no segundo parágrafo, é colocado no dia imediato, isto é, 5 de Novembro, e pouco mais à frente o português apresenta-se como «Sendo eu forasteiro, e havendo um ano só que estou nesta terra» (30). Deduz-se naturalmente que a viagem se terá realizado, em princípio, no decorrer de 1537.

Partido de Lisboa, teve ocasião de visitar, em Valladolid, a imperatriz, infanta D. Isabel, irmã dos seus protectores, que lhe pediria um retrato do imperador, por então em Barcelona, onde o Holanda é surpreendido pela notícia da morte da Duquesa da Saboia, ou seja, da Infanta D. Beatriz de Portugal, o que lhe fez atrasar a viagem, tanto mais que a Barcelona chegara outro irmão do monarca português, o Infante D. Luís (31). Falecida a Infanta D. Beatriz na primeira semana de Janeiro de 1538, poder-se-á inferir que só lá para fins do mês, quando muito, o Holanda seguia de novo a caminho de Itália.

Em 18 de Junho está em Nice a assistir ao tratado de paz «quando El Rei de França Francisco de Velois (grande rei nestas obras) veio com trinta mil homens fazer a paz com o Papa Paulo III sobre o Imperador que ali nas galés de André Dória veio a Villa Franca que está na enseada. E ali vi aquelas três cortes juntas» (32). Como não parece que o Holanda gastasse todo o tempo decorrido entre Janeiro e Junho para chegar de Barcelona a Nice, é de admitir que já antes da última data se encontrava em Roma, tendo-se deslocado a Nice na peugada do séquito que rodeava o Papa. Aliás no 4.º Diálogo, ocorrido em 5 de Novembro como foi já referido, o Holanda diz «havendo um ano só que estou nesta terra» (33), o que é exagerado em relação a quem lá tenha chegado apenas no mês de Fevereiro, mas seria inteiramente inaceitável em relação a quem só lá tivesse entrado

(27) *Da Pintura Antigua*, Prólogo.

(28) *Da Sciência do Desenho*, VII.

(29) *Diálogos Romanos*, III.

(30) *Idem*, IV.

(31) *Da Sciência do Desenho*, VII.

(32) *Idem*, V.

(33) *Diálogos Romanos*, IV.

em fins de Junho. Do infante D. Luís foi portador de mensagens para o Papa, o Rei de França e o marquês de Gasto (34).

No estado actual dos nossos conhecimentos não é possível estabelecer as relações da viagem de Francisco de Holanda com a embaixada de D. Pedro de Mascarenhas, o homem da plena confiança do Rei de Portugal, que representou em diversas cortes europeias, sempre encarregado de missões importantes. D. Pedro de Mascarenhas representou Portugal junto da Santa Sé de 1537 a 1540 (35) e estas datas, como já vimos em relação à primeira e veremos em relação à segunda, coincidem com as da viagem de Francisco de Holanda. Se por um lado a viagem deste aparece rodeada de um cariz cultural e apoiada não só pelo rei, mas também por outras personagens animadas por interesses culturais, como o Cardeal Infante D. Afonso, que em 28 de Setembro de 1539 lhe assinava uma mercê de 20 cruzados (36), por outro lado apresenta-se-nos investido e sobretudo preocupado com as funções de informar o Rei de Portugal das novidades artísticas de Itália, mas também de um aspecto particular, qual era o da arquitectura militar. Com esse fim visita e desenha as mais modernas fortalezas da Itália, acontecendo-lhe mesmo de ser preso, como suspeito, quando desenhava a fortaleza de Pesaro. Das relações com o Mascarenhas, pela boca do Holanda apenas sabemos que executou a cópia da imagem do Salvador existente em S. João de Latrão, a qual a rainha de Portugal pedira ao embaixador (37), e em 5 de Novembro de 1538, data do quarto Diálogo, foi intimado «para ir a casa do Papa», mas não se preocupou com essa ordem, talvez porque de facto se não sentisse vinculado ao embaixador (38).

Em Roma valer-lhe-iam os conhecimentos de outro português, que não refere na sua obra, o Bispo de Viseu D. Miguel da Silva, a quem Castiglione tinha dedicado o *Cortegiano*, e íntimo amigo de Paulo III, que em 1541 ou 1546 o elevaria à púrpura cardinalícia (39). A D. Miguel da Silva deverá talvez Francisco de Holanda as facilidades que encontrou em Roma, pois o terá recomendado ao Cardeal Alexandro Farnese, mecenas das artes e das letras, ao secretário pontifício Blosio Palladio e a Lattanzio Tolomei, humanista e arqueólogo que exercia na altura as funções de embaixador em Roma da República de Siena, o qual introduziu o português na amizade de Miguel Ângelo e de Vittória Colonna. Estes conhecimentos e o prestígio de que o Holanda gozava como protegido do rei de Portugal deram-lhe rápido acesso ao meio artístico romano.

(34) *Da Ciência do Desenho*, VII.

(35) José Sebastião da Silva Dias, I, c., p. 408.

As cartas de Pedro Mascarenhas estão publicadas no *Corpo Diplomático Português*, Lisboa, 1862-1910, vol. 3.º e 4.º.

(36) A. Raczyński, *Les Arts...*, p. 218.

(37) *Diálogos Romanos*, III.

(38) *Idem*, IV.

(39) Guido Battelli, *L'Albo delle «Antichità d'Italia» di Francisco de Holanda*, in «La Bibliofilia» XLI (1939), pp. 27-28.

Francisco de Holanda, ao contrário do que escreveram os primeiros autores que trataram da sua vida, não permaneceu na Itália mais de três anos. A maior parte desse tempo dispendeu-o em Roma, distribuído pelo estudo e desenho das obras de arte antigas (estátuas, ruínas arqueológicas), pela visita aos estaleiros de construção de S. Pedro e a outras obras em curso ou recentes e no contacto com os artistas e literatos que lhe fornecerão a bagagem teórica para os seus escritos. O à-vontade com que se movia em Roma é testemunhado, entre outras passagens, por aquela onde nos fala de um dos seus primeiros trabalhos aí executados (entre a chegada à cidade pontifícia e a data dos diálogos, Outubro de 1538), a cópia da imagem do Salvador que a tradição atribui a S. Lucas e existente na igreja de São João de Latrão. Devido à aura mítica que a rodeava — pois se tratava de uma imagem de Cristo, que nem ao próprio evangelista fora dado pintar, uma vez que, quando se dispunha a fazê-lo, ela teria aparecido milagrosamente no quadro adrede preparado — e às dificuldades postas pelos religiosos que a guardavam, ninguém tivera até então a oportunidade de a reproduzir. Como porém se tratava de um pedido da Rainha de Portugal, Francisco de Holanda obteve autorização de a copiar, o que fez «com grandes trabalhos dos confrades e do bispo de São João» (40). O acontecimento encheu-o de orgulho e auto-confiança, tanto mais que era a primeira vez que pintava a óleo, saindo-se com êxito, e os encontros que pelo caminho teve nessa ocasião com Miguel Ângelo abriram as portas à sua familiaridade com o grande artista (41).

O primeiro ano da estadia na Itália foi interrompido pela viagem, talvez na companhia do embaixador de Portugal, para assistir à celebração da trégua de Nice, em 18 de Junho de 1538. É natural que seguisse o mesmo trajecto do papa, que atravessou a Toscana, com paragem em Luca e visita a Parma e a Piacenza. Daqui o Holanda mandou ao infante D. Luís um desenho com a formação do exército francês (42).

Em três domingos sucessivos, de que o último coincide com a celebração das núpcias de Octávio Farnese com Margarida de Parma, em 4 de Novembro de 1538, têm lugar os célebres diálogos em que intervém Miguel Ângelo. Os dois primeiros, em que está presente Vittória Colonna, ausente no terceiro por causa do casamento, realizaram-se em 14 e 21 de Outubro. O quarto diálogo, com protagonistas, argumento e local diversos, é colocado no dia imediato ao do terceiro, por conseguinte, em 5 de Novembro de 1538, no «scriptorium» do iluminador D. Júlio de Macedónia (Júlio Clóvio), em casa do Cardeal Grimani.

(40) *Da Pintura Antigua*, I, XXVII.

(41) *Diálogos Romanos*, III.

(42) *Da Sciência do Desenho*, V.

Em 6 de Abril de 1539, dia de Páscoa, estava em Roma, pois anota, como privilégio que mais o honrou, ter recebido nesse dia a comunhão das mãos do Papa Paulo III «com os embaixadores dos reis cristãos e alguns senhores romanos somente» (43).

Em Agosto de 1539, António da Sangallo e Jacopo Melegghino deslocam-se a Tivoli para um estudo das obras do rio para a Fábrica de São Pedro, sendo provável que Francisco de Holanda seguisse na sua companhia, aproveitando a viagem para fazer o desenho do templo romano e da cascata de Tivoli, que inseriu no livro das *Antigualhas* (43b).

Francisco de Holanda viajou pela Itália. Para além das já referidas deslocações a Nice e a Tivoli, certamente isoladas, não é possível dizer-se se as restantes viagens se inseriram numa sequência contínua ou se, pelo contrário, se distribuem por vários momentos.

Uma referência a Benvenuto Cellini faz supor que terá saído de Roma antes de Novembro de 1539, data em que o famoso ourives se viu livre do cárcere. Incluindo-o no segundo lugar da tábua «dos famosos entalhadores de corniolas», assim o refere: «Benvenuto florentim que o papa Paulo tinha preso no Castelo de Sant'Angello» (44).

Se o Holanda tivesse conhecimento da sua libertação deveria dizer «que o papa Paulo teve preso». Este argumento não é, porém, suficiente para tirar uma conclusão definitiva.

Pelo contrário, uma referência ao modelo em madeira para a Igreja de S. Pedro, feito por António da Sangallo il Giovane, leva-nos a atrasar a data da última passagem do Holanda em Roma. Com efeito, assim escreve «(...) mestre António de Sangallo (...) acaba agora a Igreja de São Pedro com grande cuidado. E eu vi o modelo de sua mão, feito de madeira mui perfeito na mesma igreja» (45). Correspondendo este modelo «feito» por António da Sangallo ao executado sob a sua direcção por António Labacco, entre Julho de 1539 e os primeiros meses de 1541 (46), o Holanda não o podia ver «perfeito» antes do fim e de qualquer modo pelo menos após os meados de 1540.

Francisco de Holanda ter-se-á, por conseguinte, deslocado a Nápoles em finais de 1539, ano de que data um dos seus desenhos: «Situs ubi conflagratió puteolana. Ann. MDXXXIX». Em Fevereiro de 1540 ainda lá

(43) *Da Pintura Antigua*, Colofon.
Da Sciência do Desenho, III.

(43b) Sylvie Deswarte, *Francisco de Hollanda e les Etudes Vitruviennes en Italie*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica», Coimbra, 1981, p. 244.

(44) *Da Pintura Antigua*, Apêndice «Dos Famosos Entalhadores de Corniolas».

(45) *Da Pintura Antigua*, I, XXXXIII.

(46) Sylvie Deswarte, *Francisco de Hollanda e les Etudes Vitruviennes en Italie*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica», Coimbra, 1981, p. 242.

se encontrava, datando assim o desenho do Averno: «Horrendas fauces Avernî ann. MDXXX. mens. februa, sic. vidi et posui» (47). A partir de Nápoles, onde fez vários desenhos, visitou Barletta, para desenhar o castelo, assim como, no caminho entre Roma e Nápoles, desenhou as fortificações de Terracina e Gaeta e a ponte de Garigliano.

Se admitirmos que Francisco de Holanda na viagem de chegada ou por ocasião da deslocação a Nisa, teve oportunidade de ver e desenhar a Ribeira de Génova, a fortaleza de Sarzana, os monumentos da Praça dos Milagres de Pisa, as vilas renascentistas de Toscana (de que apenas resta no seu álbum o intróito) e possivelmente a Fortessa da Basso de Florença, assim como de ver pelo menos a Catedral e o Palácio Público de Siena, e ainda de desenhar o Poço de S. Patrício, feito por António da Sangallo il Giovane, em Orvieto, é de admitir que «La Rocha» de Civitá Castellana, assim como a Ponte de Augusto, em Narni, pudessem ser desenhados em qualquer viagem a partir de Roma, se não já naquela que talvez fosse do regresso e lhe permitiu desenhar o aqueduto e o castelo de Spoleto, em Loreto a capela e uma vista da povoação, em Ancona o Arco de Trajano, a Villa do Monte Imperiale, as fortificações de Pesaro e as de Ferrara; em Pádua, além das fortificações desenhou a igreja de Santo António e a estátua do Gattamelata.

Em que data passaria o Holanda em Veneza? Podemos conjecturá-la apenas a partir das suas referências a Sebastiano Sérlio e do seu desenho da Loggetta da Praça de S. Marcos. A Sérlio refere-se no capítulo sobre a arquitectura, em que aliás transcreve frases completas do Livro IV da obra do bolonhês, como adiante veremos. Este Livro IV, *Regole Generali di Architettura*, foi o primeiro a ser publicado em Veneza, em 1537, reeditado depois em Fevereiro de 1540, antes que saísse o Livro III dedicado a *Le Antiquità di Roma e le altre che sono in Italia e fuori d'Italia*. Referindo-se aos grandes architectos dos últimos tempos na Itália, depois de citar Miguel Ângelo, Bramante, Baldassare Peruzzi, António da Sangallo e Jacopo Melegghino, acrescenta: «O último destes é Bastião Sérlio, bolonhês, que escreveu da architectura, o qual me deu na cidade de Veneza o seu livro da sua própria mão» (48). Esta referência leva portanto a supor que não tinha saído o outro livro de Sérlio, e que, por conseguinte, estamos em data anterior a Março de 1540. Pode ser que a informação sobre os trabalhos preliminares para a publicação do Livro III obtida logo na altura esteja na base da outra referência a Sérlio na lista de «os famosos architectores, dos modernos» acrescentada ao Da Pintura Antigua: «Bastião Sérlio, bolognês, que compôs uns livros d'architectura, que agora andam em Veneza» (49). De qualquer modo o contacto com Sérlio efectuar-se-ia antes da partida deste para França em Agosto ou Setembro de 1541.

(47) *Desenbos das Antigualbas*, 52 v.º e 53.

(48) *Da Pintura Antigua*, I, XXXXIII.

(49) *Da Pintura Antigua*, Apêndice «Os famosos architectores, dos modernos».

Em Veneza o Holanda desenhou a Praça de S. Marcos, a porta da Catedral e os cavalos de bronze, o Arsenal, a estátua do Colleone e o retrato do Doge. Mas o único elemento que permite referências cronológicas é a Loggeta, de Jacopo Sansovino, iniciada em fins de 1537 e concluída na parte arquitectónica em 1539⁽⁵⁰⁾. O nosso português desenhouna nesta fase, antes de receber a decoração final, de que seria ornada apenas em 1545.

De Veneza, Francisco de Holanda passou ainda por Milão, onde desenhouna a fortaleza de La Rochetta, por Pavia e Moncalieri, saindo da Itália pelo norte, atravessando Monte Cénis, numa altura em que ainda não havia terminado o Inverno. Com efeito os Alpes estão cobertos de neve e, no desenho do Holanda, alguns dos seus companheiros de viagem descem os declives sentados em feixes de ramaria. Estamos possivelmente em fins do inverno de 1540-1541. O caminho do regresso prosseguiu por Fontaine de Vaucluse, Avignon, Pont du Gard, chegando, depois de atravessar o sudoeste de França, a Bayonne, prosseguindo por Fuenterrabia, San Sebastian e Tolosa, em Espanha, retomando a estrada inicial em Valladolid.

Antes de Dezembro de 1541 Francisco de Holanda chegou a Portugal, infere-se de uma passagem do tratado *Da Sciência do Desenho* em que escreve: «se serviu de mi El Rei e o Infante na fortaleza de Mazagão que há feito por meu desegno e modello, sendo a primeira força bem fortalecida que se fez em África, a qual desegnei vindo de Itália e de França, de desegnar por minhas mãos e medir as principais fortalezas do mundo»⁽⁵¹⁾. Esta fortaleza começou a construir-se em 15 de Dezembro de 1541, sem que no entanto fosse seguido à risca, pelo menos em relação aos materiais, o projecto do Holanda, talvez com modificações introduzidas, após a visita in loco, pelo engenheiro Benedetto da Ravenna⁽⁵²⁾.

Ao contrário do que se escreveu depois de Joaquim José Ferreira Gordo, e incluindo o próprio Joaquim de Vasconcelos, foi curta a estadia de Francisco de Holanda na Itália. Durou apenas três anos, passados na maior parte em Roma, mas sem excluir visitas a outras regiões da Itália, onde na altura se trabalhava em obras de arte e fortificações militares, com demoras mais acentuadas na Toscana, em Nápoles e em Veneza.

Foi esta permanência de três anos bem aproveitados que possibilitou a formação teórica de Francisco de Holanda, tal como aparece nos seus escritos, e orientou em nova direcção a sua actividade artística.

⁽⁵⁰⁾ G. Lorenzetti, *La Loggeta al Campanile di San Marco*, in «L'arte», XIII, 1910, pp. 108-113.

J. Bury, *The Loggetta in 1540*, in «Burlington Magazine», Sept. 1980, pp. 631-635.
Sylvie Deswarte, *Francisco de Hollanda et les Études Vitruviennes en Italie*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica», Coimbra, 1981, p. 239, nota 1.

⁽⁵¹⁾ *Da Sciência do Desenho*, V.

⁽⁵²⁾ L. A. Maggiorotti, *Architetti e Architetture militari*, Roma, 1939, pp. 241-242.

III — OBRAS

Regressado da Itália, Francisco de Holanda resolveu divulgar as ideias que trouxe, escrevendo o tratado *Da Pintura Antigua*, cuja segunda parte são os célebres *Diálogos*, a que seguiram outras obras menores: o *Da Fábrica que falece ha cidade de Lisboa* e o *De quanto serve a Sciência do Desenho e Entendimento da Pintura*. Reuniu os desenhos que trouxe da Itália num volume, o *Das Antigualhas*, do mesmo modo que num outro volume, o *De Aetatibus Mundi Imagines*, reuniria desenhos posteriores.

A execução das obras teóricas, sobretudo da primeira, assim a justifica: «Asi que pola nobreza da pintura e polo que eu em Roma aprendi, com o que mais vou descobrindo e conhecendo da sua excelência, por não o deixar perder, e enterrar de todo a cousa tão dina de ser conhecida de todos os illustres engenhos de minha pátria (...) determinei de escrever este livro *Da Pintura Antigua*» (53).

O *Da Fábrica* tem a pretensão de vencer a apatia de um jovem rei, D. Sebastião, em relação aos problemas urbanísticos e militares da capital do reino, Lisboa: «determinei (...) de deixar antes da minha morte a V. A. muito serenissimo Rei e Senhor esta breve lembrança e repario de Lisboa, que tão pouco conta com isso tem e que tanto lhe releva» (54). A idêntico sentimento, acrescentado ao desgosto de ser esquecido pelo monarca, se deve o *Da Sciência do Desenho*: «hé para que V. A. conheça não quão pouco se perde em perder o meu serviço, senão para que saiba quando alguma hora tiver algum outro entendimento melhor que o meu o como se há d'elle de aproveitar» (55). No último período da vida, em que se sente assim amargamente esquecido, terá executado a maior parte dos desenhos do *De Aetatibus Mundi Imagines* (56).

1. *Da Pintura Antigua*

O *Da Pintura Antigua* divide-se em dois livros, sendo o primeiro um tratado com quarenta e dois capítulos, em que trata da essência e da origem da pintura, da preparação do pintor, do valor da antiguidade, das «partes» fundamentais da pintura: invenção ou ideia, proporção ou simetria, e decoro ou decência. A seguir ao capítulo sobre a proporção inclui um sobre a «physiognomonica» e vários aspectos concretos (posições da figura humana, pintura de animais, de histórias, de imagens sacras e alegóricas), sobre a luz, o claro-escuro e as cores. A seguir ao decoro insere dois capi-

(53) *Da Pintura Antigua*, Prólogo.

(54) *Da Fabrica que Falece ha Cidade de Lisboa*, Prólogo.

(55) *Da Sciência do Desenho*, II; ibidem III e VIII.

(56) Quinze destes desenhos estão datados entre 1545 e 1573.

tulos sobre a perspectiva, um sobre o desenho de esboço, e termina com três capítulos, dedicado o primeiro à escultura, o segundo à architectura e o último a «todos os géneros e modos de pintar».

O segundo livro é constituído por quatro diálogos, intervindo Miguel Ângelo nos três primeiros, do mesmo modo que, em lugar secundário, Lattanzio Tolomei, enquanto Vittoria Colonna, sua patrocinadora, está apenas presente no primeiro e no segundo, e o quarto tem por interlocutores, além do Holanda, como os precedentes, o iluminador Júlio Clóvio, o incisor Valério Belli e um tal Camillo que se deve identificar com Giulio Camillo Delminio, depois membro da Academia della Virtù.

O primeiro livro encerra com a data correspondente ao 18 de Fevereiro de 1548: «Fazia, em Lisboa, a primeira Dominga da Coresma de 1548».

O segundo livro encerra no mesmo ano, mas com data diferente: «Acabeio d'escrever hoje, dia de S. Lucas Evangelista. Em Lisboa, era MDXXXVIII», ou seja, 18 de Outubro de 1548.

No fim da obra Francisco de Holanda acrescentou uma «Távoa dos artistas famosos a que elles chamam águias», em seis partes, sendo a primeira dedicada aos pintores, a segunda a «os famosos iluminadores da Europa», a terceira a «os famosos scultores de mármore», a quarta a «os famosos architectores, dos modernos», nela se incluindo, a quinta a «os famosos entalhadores de lâmina de cobre» e a última a «os famosos entalhadores de corniolas».

Em 1563, sendo ainda vivo o autor, um outro português, Manuel Denis, residente em Espanha, traduziu para a língua castelhana o «Da Pintura Antigua», tradução que se conserva na Academia de Belas Artes de Madrid.

Nos fins do séc. XVIII, José Joaquim Ferreira Gordo encontrou na biblioteca particular de um amator de arte, de que não nos deixou o nome, o manuscrito em língua portuguesa da obra *Da Pintura Antigua* e fez, em 1790, uma cópia que entregou à Academia de Ciências de Lisboa, sendo esta portanto a mais próxima do original.

EDIÇÕES DO *DA PINTURA ANTIGUA*

1. *Da Pintura Antigua*, folhetim publicado por Joaquim de Vasconcelos in «A Vida Moderna», Porto, 1890 a 1892.
2. *Da Pintura Antigua*. Primeira edição completa desta célebre obra comentada por Joaquim de Vasconcelos. Porto, Renascença Portuguesa, 1918.
3. *De la Pintura Antigua*. Version castellana de Manuel Denis (com prefácio de Elias Tormo). Academia de S. Fernando, Madrid, 1921. Nova edição da tradução espanhola de 1563.
4. *Tractado de pintura antigua*. English translation by A.F.G. Bell, London, 1928.

5. *Da Pintura Antigua*. 2.^a edição, Porto, Renascença Portuguesa, 1930.
6. *Opere di Francisco de Holanda*. Napoli, Perrella, 1915. Apenas consegui encontrar dois exemplares desta publicação, citada pelo próprio organizador, Achile Pellizzari, um na Biblioteca Hertziana de Roma, e outro na Biblioteca do Kunsthistorisches Institut in Florenz. Segundo referia Elias Tormo, em 1940, existe pelo menos outro, na Biblioteca Vaticana.
7. *Da Pintura Antiga*. Introdução e notas de Angel González Garcia. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
8. *Da Pintura Antiga*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.

EDIÇÕES SÓ DOS DIÁLOGOS

1. Raczyński, Conde A. — *Les Arts en Portugal, lettres adressées a la Société Artistique e Scientifique de Berlin*, accompagnées de documents. Paris, Renouard, 1846. Tradução feita pelo pintor M. Roquemont com lacunas e com frequência infiel. Foi porém a primeira a chamar a atenção internacional para a obra do Holanda.
2. Clement, Charles — *Michel Ange d'après des nouveaux documents*, in «Revue des Deux Mondes», XXIX année, 1 Juillet 1850, pp. 60-108.
3. Siemiński, Lucjan — *Kartka z dziejow i poezji oraz Franciszka d'Ollanda rzecz o malarstwie z roku*, Żytomiers, Spółka Wydawnicza Księgarska, 1860.
4. Fournier, Th. — *Die Manuscript des F. D' Holanda* in «Jahrbuch für Kunstwissenschaft», Zahn, I, 1868, pp. 335-358.
5. Grimm, H. — *Leben Michelangelo's*, Hannover, 1873, pp. 227-293 (trad. parcial).
6. Gotti, Aurelio — *Vita di Michelangelo Buonarrotti, narrata con l'aiuto di nuovi documenti*, vol. I, Firenze, 1875, pp. 244 e ss.
7. *Manuscript de François de Hollande. De la Peinture Ancienne. 1549 — Livre Second* in Thomaz Mendes Norton, *Ovres d'Art de Raphael au Monastère de Refojos do Lima en Portugal*. Lisboa, 1888. Trad. de Louis Carlotmain Capdeville.
8. *Quatro diálogos da pintura antiga. Francisco de Holanda, Miguel Angelo, Vittoria Colona, Lattanzio Tolomei interlocutores em Roma*. Edição cuidada por Joaquim de Vasconcelos. Porto, Renascença Portuguesa, 1896. Tiragem reduzida (100 exemplares).
9. *Vier Gespräche Über die Malerei Geführt Zu Rom 1538*. Original text mit Übersetzung, Einleitung, Beilagen und Erläuterungen von Joaquim de Vasconcelos. Wien, Verlag von Carl Graeses, 1899.
10. Charles Holroyd — *Michelangelo Buonarroti by Charles Holroyd. With translations of the life of the master by his scholar Ascanio Condivi and three dialogues from portuguese by Francisco D' Holanda*. London, Duckworth, 1903.
11. *Quatre dialogues sur la peinture*. Trad. Leo Rouanet. Paris, Champion, 1911.

12. F. J. Sánchez Cantón, *Fuentes literarias para la Historia del Arte Español*. Tomo I. Madrid, Junta para la Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas — Centro de Estudios Históricos, 1923. Pp. 35-115: *Dialogos de la Pintura*.
13. *I Dialoghi michelangioleschi di Francisco de Holanda*. Trad. di Maria Antonietta Bessone Aurelij. Roma, Maglione e Strini, 1924.
14. *Idem*, idem, 2.^a ed., 1925.
15. *Lettere e rime precedute della vita di Ascanio Condivi aggiuntovi al «Dialogo della Pittura» di Francisco de Holanda*. A cura di Guido Vitoletti. Torino, Società Editrice Editoriale. Apenas a tradução do Primeiro Diálogo.
16. *Four dialogues on painting*, redered into English by Aubrey F. G. Bell, Oxford, 1928.
17. *Lettere e rime... A cura di Guido Vitoletti*, 2.^a ed., ibidem (1930).
18. *I Dialoghi michelangioleschi di Francisco de Holanda*. Trad. di Antonietta Maria Bessone Aurelij. 3.^a ed., 1939.
19. *Los «Dialogos de la Pintura» de Francisco de Holanda*, apêndice ao capítulo I de «Historia de las Ideas Esteticas en España», de Marcelino Menendez Pelayo, vol. II, Madrid, 1940.
20. *Parla Michelangelo*. A cura di Aldo L. Cerchiari. Milano, Torinelli, 1946. Edição artística ilustrada, apenas das passagens correspondentes às palavras de Miguel Ângelo.
21. *Colloqui con Michelangelo*. A cura di Emilio Radius. Milano, Editrice Antonioli, (1945).
22. *I Dialoghi michelangioleschi di Francisco d'Olanda*. A cura di Antonietta Maria Bessone Aurelij, 4.^a ed., Roma, F.lli Palombi, 1953.
23. *Diálogos de Roma*. Prefácio e notas de Manuel Mendes. Lisboa, Sá da Costa, 1955.
24. *Dialoghi romani con Michelangelo*. Trad. di L. Marchiori. Introd. e note a cura di E. Spina Barelli. Milano, Rizzoli, 1964.
25. *Les Dialogues de Roma de François de Hollande*, trad. José Frêches, Paris, Centro Cultural Português — Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.
26. *Dialoguri romane cu Michelangelo*. Traducera Şiprefaţă de Victor Ieronim Stoichiţă Bucuresti, Ed. Meridiane, 1974.
27. *Diálogos em Roma*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.

2. *Do tirar polo natural*

Pequeno tratado em forma de diálogo, foi concluído em Santarém em 1549. Não se conhece o original. A cópia mais antiga está na Academia de Belas Artes de S. Fernando de Madrid. Uma cópia feita em 1790 por M. Joaquim Ferreira Gordo existe na Academia das Ciências de Lisboa.

EDIÇÕES:

1. *Do tirar polo natural*, em folhetim, in «A Vida Moderna» (Semanário), Porto, 1892, n.ºs 10 a 19 (20/10-22/12/1892).

2. *Del Sacar Por El Natural*, incluído na edição do «De La Pintura Antigua», Madrid, 1921.

3. *Die Manuscripte des Francesco d'Ollanda (von der Portraitmalerei)*. Introd. e trad. Th. Fournier, in «Jahrbücher für Kunstwissenschaft» I, Leipzig, (1868).

4. *Do Tirar Polo Natural*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa, Livros Horizonte, 1984.

Que eu saiba, não apareceu ainda a edição comentada do *Do Tirar polo Natural* anunciada há alguns anos por John Bury.

3. *Da Fábrica que falece ha Cidade de Lisboa*

Ao contrário de outros tratados de urbanística do séc. XV e XVI, este caracteriza-se por não visar um modelo utópico de cidade, mas uma povoação efectivamente existente, no intuito de resolver os seus mais agudos problemas. Sem esquecer, no primeiro capítulo, uma breve referência à origem histórica da cidade, e, no segundo, uma digressão alegórica sobre a cidade interior, a alma, descreve e desenha as principais obras de que carecia a Lisboa da segunda metade de quinhentos: a «roca» ou castelo no centro, e, à volta, as novas muralhas com os seus bastiões e baluartes; a defesa da embocadura do rio Tejo e do porto de mar, a construção dos paços reais de Enxobregas e respectivo parque, a reconstrução das pontes e calçadas de acesso a Lisboa, com as respectivas cruces-miliários, como lugar mais sublime o templo, dedicado a S. Sebastião, onomástico do rei, e, a servir de coroa a toda a obra, como local mais precioso, a capela do Santíssimo Sacramento.

Este tratado é datado de 1571 e o manuscrito original, que se conserva na Biblioteca Nacional da Ajuda, é acompanhado do parecer do inquisidor Frei Bartolomeu Ferreira, de 13 de Abril de 1576, com vista à publicação da obra, que não chegou a concretizar-se.

EDIÇÕES DO DA FÁBRICA

1. *Da Fábrica que fallece à cidade de Lisboa. Da Sciência do Desenho.* Edição crítica (segundo o autógrafo de 1571), por Joaquim de Vasconcelos, in «Archeologia Artistica», tomo VI; e «separata» (100 exemplares), Porto, Imprensa Portuguesa, 1879.
2. *Da Fábrica que Falece à cidade de Lisboa*, edição preparada por Alberto Cortés (1918), que agora publica Vergílio Correia, in «Archivo Español de Arte e Archeologia», n.º 15, pp. 209-225, Madrid, 1929; e «separata» (100 exemplares).
3. Fac-simile in Jorge Segurado, *Francisco d'Olanda*, Lisboa, Ed. Excelsior, 1961, pp. 67-130.
4. *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa.* Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa, Livros Horizonte, 1984.

4. *De quanto serve a Sciência do Desenho e Entendimento da Arte da Pintura, na Republica Christam asi na Paz como na Guerra*

É um tratado com data de Julho de 1571, anexo ao anterior e certamente destinado a publicação simultânea. Sem interesse de maior, uma vez que repete conceitos já presentes sobretudo no «Da Pintura Antigua», o capítulo mais interessante, do ponto de vista teórico, talvez seja o segundo, em que o Holanda tenta aprofundar a noção filosófica de pintura ou desenho — vocábulos frequentemente equívocos na sua obra. Nos restantes capítulos procura mostrar o apreço em que o desenho ou a pintura foram tidos na antiguidade e a sua utilidade ao serviço de Deus e do Rei tanto na guerra como nas actividades ordinárias, pelo que defende no penúltimo capítulo a necessidade de o monarca adquirir neste domínio um mínimo de conhecimentos, acabando por apresentar como exemplo a seguir o de Carlos V, no modo como um dia o recebeu na sua corte — referência em que visivelmente se dirige a D. Sebastião, a quem o tratado é dedicado.

EDIÇÕES:

1. *Da Fábrica que fallece à cidade de Lisboa. Da Sciência do Desenho.* Edição crítica (segundo o autógrafo de 1571), por Joaquim de Vasconcelos, in «Archeologia Artistica» Tomo VI, 1873-1878, e em separata, de 100 exemplares, Porto, Imprensa Portuguesa, 1879.
2. *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, edição preparada por Alberto Cortés (1918), que agora publica Vergílio Correia, in «Archivo Español de Arte y Archeologia», n.º 15, pág. 209-225, Madrid, 1929 e em separata de 100 exemplares.
3. Fac-simile in Jorge Segurado, *Francisco de d'Olanda*, Lisboa, Ed. Excelsior, 1961.
4. *Copie d'une partie du manuscrit intitulé «Des monuments qui manquent à la ville de Lisbonne» par Francois de Holland année 1571*, in Thomaz Mendes Norton, *Ouvres d'Art*

de *Raphael au Monastère de Refojos do Lima en Portugal*, Lisboa, 1888, pp. 148-156. É a tradução do «*De quanto serve a Sciência do Desenho*», por Louis Carlotmain Capdeville.

5. *De quanto serve a Sciência do Desenho e Entendimento da Arte da Pintura na Republica Cristã, assim na Paz como na Guerra*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa, Livros Horizonte. Publicação anunciada para fins de 1985.

5. Outros escritos de Francisco de Holanda

I — *Carta a Michelangelo*. Datada de 15 de Agosto de 1553, encontra-se na Casa Buonarroti, em Florença. Publicada em:

1. Aurélio Gotti, *Vita di Michelangelo*, vol. I, Firenze, 1875, pág. 246-247.
2. *Archeologia artistica*, fasc. IV, Porto, 1877, pág. 165-166.
3. *Da Pintura Antigua*, ed. de Joaquim de Vasconcelos, 1918, pág. 237.
4. Jorge Segurado, *Francisco d'Ollanda*, cit., (fac-simile, a pág. 17-19).
5. A. M. Bessone Aurelii, *I dialoghi michelangioleschi*. Roma, 1939.
6. Paola Barocchi, *Il Carteggio de michelangelo*, vol. VI, Firenze, 1983.

II — *Carta ao Prior do Crato, D. António*. 6 de Maio de 1579. No Arquivo da Casa do Duque de Alba, em Madrid. Publicada em

1. *Homenage a Menendez Pelayo*, Madrid, 1935.
2. Jorge Segurado, l. c. (fac-simile a pp. 461-463).

III — *Carta a Filipe II*. Sem data. Segundo Joaquim de Vasconcelos é de 22 de Janeiro de 1572. O original está no Arquivo Real de Simancas, E. 390. Publicada em:

1. Joaquim de Vasconcelos, *Da Pintura Antigua*, 1908, p. 339-340.
2. Jorge Segurado, l. c. (fac-simile, a pp. 257).

Poderão acrescentar-se a estes escritos também as anotações manuscritas autógrafas, acerca de seu pai António de Holanda, num exemplar de Giorgio Vasasi, *Le Vitte...*, (Florença, 1568), secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.

6. *Os Desenhos das Antigualbas*

Francisco de Holanda reuniu os desenhos que fez no tempo da sua permanência na Itália num volume a que antepôs o título:

Reinando em Portugal El Rei Dom João III que Deus tem, Francisco d'Ollanda passou a Itália e das Antigualbas que vio retratou da sua mão todos os desenhos deste livro.

É um volume de 54 folhas, no formato de 46,5×35,5cm., incluindo 113 desenhos. Os mais antigos datarão de 1538 e até 1564 poderá o Holanda ter introduzido quaisquer retoques, se o livro ainda se encontrava na sua mão, de modo a ser dele a apostilha ao retrato de Miguel Ângelo em que regista a data da sua morte. À data da redacção final do *A Ciência do Desenho*, isto é, em 1571, este álbum encontrava-se nas mãos do Infante D. António, devendo ter sido confiscado pelo rei D. Filipe II de Espanha, após o estabelecimento do seu domínio em Portugal.

Este códice está actualmente na Biblioteca do Escorial em Espanha. Foi publicado em 1940, pelo Doutor Elias Tormo, com o título seguinte:

Os desenhos das Antigualbas que vio Francisco d'Ollanda, pintor português (1539-1540) publicalos com notas de estudio y preliminares el Prof. E. Tormo, de la Universidade de Madrid. Madrid, Academia de História e Belas Artes, 1940.

Anteriormente foram reproduzidos na obra, de distribuição limitada e acima referida:

Opere di Francisco de Holanda, Napoli, Perrela, 1915. A cura di Achile Pellizzari.

7. *De Aetatibus Mundi Imagines*

Depois do regresso a Portugal, além de outras actividades que é difícil documentar, Francisco de Holanda continuou a desenhar. Até há pouco tempo pensou-se que os álbuns com estes desenhos conhecidos por designações como *Lowores Eternos*, dada como concluída em 1569, ou *De Cristo Homem*, terminado em 1583, ou ainda *Idades do Homem* se haviam perdido⁽⁵⁷⁾.

Em 1953 o Dr. Francisco Cordeiro Blanco descobriu na Biblioteca Nacional de Madrid um álbum de desenhos, intitulado *De Aetatibus Mundi Imagines* que identificou como obra de Francisco de Holanda (Biblioteca Nacional de Madrid, Secção de Belas Artes, cota 14/26)⁽⁵⁸⁾.

É um grande códice com 89 folhas (178 páginas), no formato aproximado de 0,42×0,28cm., contendo 155 desenhos (incluída a cobertura),

⁽⁵⁷⁾ Joaquim de Vasconcelos, *Francisco de Holanda — Da Pintura Antigua*, Porto, 1918, pp. 36 e 39.

⁽⁵⁸⁾ Francisco Cordeiro Blanco, *Identificación de una obra desconhecida de Francisco de Holanda*, in «Archivo Español de Arte», Vol. XXVIII, Madrid, 1955.

alguns aguarelados a cor. Quinze destes desenhos foram datados entre Agosto de 1545 e a Sexta-feira Santa de 1573.

Em 1961, na obra dedicada ao Holanda e já citada, o arquitecto Jorge Segurado escrevia: «este códice vai ser publicado em fac-simile, com as notas e estudo do Dr. Cordeiro Blanco já falecido, sob a direcção do Dr. Armando Vieira dos Santos, por encargo do Instituto de Alta Cultura»⁽⁵⁹⁾. Infelizmente o Dr. Armando Vieira dos Santos cedo deixaria o rol dos livros.

Finalmente os desenhos foram publicados, em luxuosa edição, em 1983, sob a direcção do arquitecto Jorge Segurado, pelo Commissariado Organizador da XVII Exposição Europeia de Arte e Ciência e Cultura, sob os auspícios do Conselho da Europa:

Francisco de Holanda, *De Aetatibus Mundi Imagines. Livro das Idades*. Lisboa, 1983. Ed. fac-similada com introdução e notas de Jorge Segurado.

IV — FORTUNA CRÍTICA

A obra de Francisco de Holanda não chegou a ser impressa no seu tempo, e isso por força dos acontecimentos que rodearam a parte final de sua vida, designadamente da morte de D. João III, de quem o nosso autor foi conselheiro artístico, e da crise política que se lhe seguiu, com o inter-regno e o governo de um rei imaturo, a qual culminará no desastre de Alcácer Quibir e na anexação de Portugal à coroa de Espanha.

O extravio do manuscrito original do *Da Pintura Antigua* não permite confirmar a intenção de estampar esta obra, mas tal intenção deduz-se do facto de que foi pensada e preparada a publicação de um trabalho de menor fôlego, qual é o tratado *Da Fábrica que Falece ha Cidade de Lisboa*, que em ordem à sua divulgação recebeu em 13 de Abril de 1576 o parecer favorável (com a ressalva de três pequenas emendas) de Frei Bartolomeu Ferreira, já benévolo censor da 1.^a edição de *Os Lusitadas*. Para além do *nihil obstat* doutrinal o censor avança que tem a dita obra «por muito proveitosa e engenhosa».

Se bem que não chegasse a ser impressa, a obra literária do Holanda foi objecto de alguma divulgação. Manuel Denis, português desde a infância educado e residente em Castela, possuía uma cópia da obra e terminara já a sua tradução em 1563, um ano antes da morte de Miguel Ângelo, quando estava para começar a construção do Escorial.

A anexação a Espanha e a consequente polarização cultural de Madrid acentuaram a crise da arte portuguesa e com o andar do tempo outras obras de teoria artística vindas da Itália e divulgadas em Espanha

(59) Jorge Segurado, l. c., p. 429.

tiraram actualidade à obra do Holanda, fazendo correr sobre ela o véu do esquecimento.

A obra do Holanda estava esquecida, mas não era totalmente ignorada. Diogo Barbosa Machado refere-a em 1747 na *Biblioteca Lusitana*, numa época de renovação cultural que pré-anuncia já o século XVIII, e a que não são indiferentes os estímulos de um renovado contacto com a Itália ⁽⁶⁰⁾.

A Academia Real das Ciências de Lisboa assumirá o grato papel de principal impulsionadora da cultura portuguesa, bem documentado nos estudos registados nas «Memórias» que fez publicar. É para a Academia Real das Ciências que Joaquim José Ferreira Gordo realiza investigações nos Arquivos de Madrid e copia as obras do Holanda de que se não conheciam manuscritos em Portugal (o tratado *Da Pintura Antigua*, incluindo os *Diálogos*), que em 1790 deposita na biblioteca da referida instituição académica. Nas oficinas gráficas da mesma Academia publica os *Apontamentos para a História Civil e Litteraria de Portugal e seus Domínios, colligidos dos Manuscritos assim nacionais, como estrangeiros, que existem na Biblioteca Real de Madrid, na do Escorial, e nas de alguns senhores e letrados da Corte de Madrid*, inseridos no tomo III, das «Memórias de Literatura Portuguesa publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa» em 1792 ⁽⁶¹⁾, onde o nome de Francisco de Holanda reaparece diante dos leitores portugueses. Não chegou porém a ser publicado o manuscrito, guardado na biblioteca da mesma academia, *Memórias de Francisco de Ollanda, colligidas de seus escritos e outros autores* ⁽⁶²⁾, em que pela primeira vez se tenta uma meritória reconstituição da sua vida, com erros porém — como a deslocação por duas vezes à Itália e a colocação da sua obra neste país entre 1538 e 1548 — que serão repetidos por outros autores durante um século e meio.

A partir daí Francisco de Holanda passa a merecer o estudo dos autores portugueses. Primeiramente sob o aspecto biográfico, procurando reunir aos elementos autobiográficos os raros dados sobre a sua vida que é possível recolher nos arquivos. Situam-se nesta linha a *Colecção de Memórias Relativas às vidas dos Pintores, Escriitores, Arquitectos e gravadores Portugueses* de Cirilo Wolkmar Machado ⁽⁶³⁾, assim como as páginas que lhe dedica o Bispo Conde D. Francisco (Cardeal Saraiva) na *Lista de Alguns Artistas Portugueses* ⁽⁶⁴⁾, e A. D. de Castro e Sousa, na *Vida de Francisco de Ollanda, illuminador e architecto portugûes, que floresceu no décimo sexto século* ⁽⁶⁵⁾, ou no

⁽⁶⁰⁾ Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, vol. II, 1747.

⁽⁶¹⁾ Academia Real das Ciências, *Memórias da Literatura Portuguesa*, tomo III, Lisboa, 1792.

⁽⁶²⁾ José Joaquim Ferreira Gordo, *Memórias de Francisco de Ollanda, colligidas de seus escritos e outros autores*, manuscrito, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1809.

⁽⁶³⁾ Cirilo Wolkmar Machado, *Colecção de Memórias Relativas às vidas dos Pintores, Escriitores, Arquitectos e Gravadores Portugueses*, Lisboa, 1823.

⁽⁶⁴⁾ *Obras completas de D. Francisco de S. Luís*, tomo VI, Lisboa, 1839.

⁽⁶⁵⁾ A. D. Castro e Sousa, *Vida de Francisco de Ollanda, illuminador e architecto portugûes, que floresceu no décimo sexto século*, Lisboa, 1844.

Resumo histórico da vida de Francisco de Holanda ⁽⁶⁶⁾, e as referências mais extensas do *Dictionaire historique-artistique du Portugal*, de A. Raczyński ⁽⁶⁷⁾.

O autor referido em último lugar publicara no ano anterior (1846; cf. supra) a primeira tradução, que, embora lacunar e nem sempre fiel, foi também a primeira divulgação impressa de uma obra de Francisco de Holanda, os *Diálogos*, contribuindo assim para chamar a atenção dos estudiosos de todo o mundo para o escrito do autor português. A partir daí a obra do Holanda passava a constituir referência necessária para quantos se ocupavam da história da arte e da historiografia artística do séc. XVI e designadamente para os que se ocupavam de Miguel Ângelo.

Segue-se a esta divulgação a primeira atitude pública de reserva em relação ao valor da obra do Holanda (e pensa-se apenas nos *Diálogos*) para conhecer o pensamento artístico de Miguel Ângelo, no trabalho de Alfred von Reumont, em *Kunst un Künstler in Rom zur Zeit Papst Pauls III* ⁽⁶⁸⁾. Se bem que anotando as fanfarrônicas despropositadas de uma ou outra passagem, o valor histórico dos *Diálogos* viria a ser aceite pela maioria dos estudiosos e biógrafos de Miguel Ângelo, desde Aurélio Gotti ⁽⁶⁹⁾.

M. Menendez e Pelayo, na célebre *História de las ideias estéticas en España* ⁽⁷⁰⁾, deu grande relevo à obra de Francisco de Holanda, transcrevendo longas passagens dos *Diálogos* e o mesmo faria no Discurso de recepção na Academia de Belas Artes de Madrid. Idêntica ou maior atenção mereceram os *Diálogos* a Karl Justi, em *Die alportugiesche Malerschule* ⁽⁷¹⁾ e depois em *Michel Angelo* ⁽⁷²⁾.

Joaquim de Vasconcelos iniciara em 1890 a primeira publicação em língua portuguesa das obras literárias de Francisco de Holanda (cf. supra), e, na impossibilidade de então os publicar, faria também conhecer uma lista descritiva dos desenhos designados como *Antiguidades de Itália* ⁽⁷³⁾. Embora mantendo-se numa posição crítica, perfilha o valor histórico da obra holandiana, sendo o primeiro a sublinhar a impossibilidade de o Holanda se ter deslocado duas vezes à Itália, se bem que mantendo as datas de 1538 a 1548 como as da sua permanência na terra de Miguel Ângelo. Faz interessantes anotações à obra publicada e só é pena que não tenha dado à luz todos os estudos que, segundo diz, realizou sobre a obra de Francisco de Holanda.

⁽⁶⁶⁾ Idem, *Resumo histórico da vida de Francisco de Holanda*, in «Archivo de Architectura Civil», n.º 10, Lisboa, 1867.

⁽⁶⁷⁾ A. Raczyński, *Dictionaire historique-artistique du Portugal*, Paris, 1847, pp. 136-157.

⁽⁶⁸⁾ Alfred von Reumont, *Kunst und Künstler in Rom Zur Zeit Papst Pauls III*, in «Algemeine Preussische Straatszeitun», 1847, n.º 205.

⁽⁶⁹⁾ Aurelio Gotti, *Vita di Michelangelo, narrata com l'aiuto di nuovi documenti*, vol. I, Firenze, 1875, pp. 244 e ss.

⁽⁷⁰⁾ M. Menendez y Pelayo, *Historia de las Ideas Estéticas en España*, Madrid, 1884.

⁽⁷¹⁾ Karl Justi, *Die Alportugiesche Maler Schule*, in «Preusse Jahrb», vol. IX, 1888.

⁽⁷²⁾ Idem, *Michel Angelo*, Leipzig, 1900; Idem (porém, sem o nome do autor), *Michelangelo*, Bonn, 1907.

⁽⁷³⁾ Joaquim de Vasconcelos, *Antiguidades de Italia*, Lisboa, 1896.

Em Itália, Achile Pellizzari entusiasma-se com a obra do português e resolve-se a publicá-la com um amplo estudo introdutório e a preparar uma edição dos desenhos da Antigualhas. Apenas se conhecem, porém, três exemplares do volume *Opere di Francisco de Holanda*, datado de Nápoles (Perrelá) 1915, nas bibliotecas Vaticana e Hertziana, de Roma, e na do Kunsthistorisch Institut, de Florença, contendo o texto português e a versão italiana dos *Diálogos*, seguida da 1.^a parte do *Da Pintura*, só em português, e dos desenhos *Das Antigualhas*. O facto de na obra não se encontrarem as 304 notas correspondentes às chamadas inseridas no texto nem a introdução referida na página 119 leva a pensar que a edição não foi concluída, sendo os dois exemplares meras provas de ensaio oferecidas, por gentileza, às mencionadas bibliotecas. Na obra *I trattati attorno le Arti Figurative in Itália e nella Penisola Ibérica* que se ficou no *Volume Primo — Dall'antichità classica al séc. XIII* (74), A. Pellizzari escreve que Francisco de Holanda organizou «in sintesi lucidissima le idee del suo grande amico fiorentino, tramandandole ai secoli da venire in opere mirabili per magistero d'arte e per saldezza di pensiero».

Em Espanha, F. J. Sanchez Canton incluí os textos do português entre as *Fuentes literárias para la história del Arte Español — sec. XVI* (75).

Mas a historicidade de Francisco de Holanda nem por isso passou a ser acatada pacificamente por todos os seus leitores. Já em 1905, num trabalho publicado por Hans Tietze, e subordinado ao título *Francisco de Holland und Donato Giannotti's Dialoge und Michelangelo* aparecem renovadas com mais vigor as críticas negativas a Francisco de Holanda (76). Mais violentas e radicais seriam as críticas tecidas por Carlo Aru numa comunicação apresentada ao *I Congresso Nazionale di Studi Romani*, publicada depois na revista *L'arte* de Adolfo Venturi (77), e que, apesar de tudo, Schlosser considera «uma cuidada análise da obra» de Francisco de Holanda (78). Segundo Aru «i Dialoghi scritti con fini precisamente pratici se no proprio esclusivamente personalistici, sono un mediocre componimento letterario — modellato sul genere di prosa narrativa più largamente diffuso in Italia durante il Rinascimento — che ha una trama storicamente vera o verosimile nei riguardi degli interlocutori e dei particolari di tempo e di luogo, ma che a questa trama aggiunge idee, che, se possono ritenersi

(74) Achile Pellizzari, *I Trattati attorno le Arti Figurative in Italia e nella Penisola Iberica. Volume Primo — Dall'antichità classica al séc. XIII*, Napoli, 1915.

(75) F. J. Sanchez Canton, *Fuentes para la historia del Arte Español*, Tomo I, Sec. XVI, Madrid, 1923.

(76) Hans Tietz, *Francisco de Holanda und Donato Giannotti's Dialoge und Michelangelo*, in «Reportorium für Kunstwissenschaft», vol. XXVIII, 1905, pp. 295-320.

(77) Carlo Aru, *I Dialoghi Romani di Francisco de Holanda*, in «L'arte», Annata XXXI, Fasc. III, Maggio-Giugno, Roma, 1928, pp. 121-128.

(78) Julius Schlosser Magnino, *La letteratura artistica*, trad. da Filippo Rossi, aggiornata da Otto Kurz, Firenze, 1977, p. 285.

comunemente divulgate in taluni ambienti artistici romani di circa la metà del Cinquecento, debbono considerarsi tuttavia in completo contrasto con lo spirito, le idee e l'opera di Michelangelo» (79).

Para Carlo Aru os *Diálogos* não correspondem historicamente a verdadeiros colóquios realizados com Miguel Ângelo, mas são uma moda literária, em voga na época, a que o Holanda como muitos autores terá recorrido para expôr as suas próprias ideias. O mesmo autor declara que as ideias expressas nos *Diálogos* pela boca de Miguel Ângelo são fragmentárias e contraditórias (observação de Aru que não me parece congruente com a afirmação anterior de que os *Diálogos* são uma forma literária adoptada pelo português para expor as suas próprias ideias, mas seria muito mais aceitável se admitíssemos que eles de facto são a recolha, ainda que imperfeita, de uma verdadeira conversa, em que o fio seguido não é sempre o da lógica total) mas apesar de tudo, e de um modo que pode bem considerar-se arbitrário, ousa reuni-las em nove pontos que são uma verdadeira traição às ideias expostas pelos interlocutores dos diálogos.

Efectivamente, conforme são reunidas por C. Aru, as ideias expostas nos diálogos são fragmentárias e contraditórias. Revelam uma leitura apressada e desatenta dos *Diálogos*, para não falarmos já no desconhecimento dos outros escritos do Holanda, bem oportuna para e elaboração de uma crítica segura, e mesmo uma certa falta de rigor histórico na maneira como se comparam com outros escritos da época, apresentando as ideias do Holanda como hauridas em outras obras de então e citando para o caso exactamente aquelas que o português não conhecia, como os escritos de Leonardo. Fragmentária e contraditória mas sobretudo contraditória é a argumentação aduzida por Carlos Aru para negar a validade aos *Diálogos*. Da análise de Aru emerge uma dupla contradição: por um lado, as ideias expostas nos *Diálogos* não podem corresponder às ideias de Miguel Ângelo porque são fruto da elaboração pessoal do Holanda, mas correspondem aquelas que na mesma época circulavam na Itália; por outro lado, as ideias estéticas de Miguel Ângelo não são outras que as dos homens da sua época.

Uma outra estudiosa italiana, Antonietta Maria Bessone Aurelii, autora de uma tradução italiana do *Diálogos*, que teve quatro edições, não achou dificuldades em refutar as afirmações de Carlos Aru (80). Mais tarde Bianca Toscano voltaria ao assunto combatendo os argumentos de C. Aru e defendendo com entusiasmo a historicidade dos *Diálogos* (81).

Não se vão agora analisar as objecções contra o valor histórico da obra em causa, nem a resposta que lhe deram as duas estudiosas. Analisar-se-ão esses aspectos ao fazer o estudo crítico da obra de Francisco de

(79) Carlo Aru, *I Dialoghi Romani di Francisco de Hollanda*, in «Atti del I Congresso Nazionale di Studi Romani», vol. I, Roma 1929, p. 799.

(80) Antonietta M. B. Aurelii, *Della Sincerità di Francisco de Hollanda*, in «Il Vasari», 1930, pp. 202-210.

(81) Bianca Toscano, *Il pensiero di Michelangelo sull'Arte*, Napoli, 1951.

Holanda, que, infelizmente, só recentemente começou a delinear-se, e que exige o estudo global da obra do português.

As objecções postas por Aru ao Holanda, pelas respostas que tiveram e já se referiram ou porque na época não pareceram dignas de melhor atenção, não impediram que os autores continuassem a apoiar-se no Holanda como uma importante fonte para documentar a evolução das ideias estéticas e o pensamento de Miguel Ângelo.

O próprio Lionello Venturi, cujas omissões Aru invocou (Venturi antes só referira o testemunho do Holanda a propósito do juízo de Miguel Ângelo sobre a pintura flamenga) na *Storia della Critica d'Arte*, em 1936, escrevia genericamente: «Michelangelo Buonarroti non ha scritto un trattato d'arte, ha espresso sporadicamente alcune idee sull'arte; il portoghese Francisco de Holanda altre ne ha raccolte da lui»⁽⁸²⁾.

Anthony Blunt, em *Artistic Theory in Italy 1450-1600*, dizia em 1940: «Além dos escritos (de Miguel Ângelo) restam-nos os testemunhos dos seus contemporâneos. O primeiro de entre estes é o pintor português Francisco de Holanda, que chegou a Roma em 1538 e por certo período fez parte do círculo de Miguel Ângelo com o mestre»⁽⁸³⁾.

A publicação de *Os Desenhos das Antigualbas* levada a cabo pelo Professor Dr. Elias Tormo, em 1940, fez redobrar o interesse pela obra do português. Depois dessa data publicaram-se na Itália duas novas traduções dos *Diálogos* (Emílio Radius e L. Marchiori — E. Spina Barelli), além de uma reedição da tradução anterior de A. M. B. Aurelii e de duas edições parciais. Em Portugal apareceu mais uma edição dos *Diálogos*, a de Manuel Mendes. Nestas publicações considera-se resolvido no sentido positivo o problema da historicidade da obra de Francisco de Holanda. Na sequência do interesse que esta desperta, fazem-se os primeiros estudos sobre a estética de Francisco de Holanda, com Mariana Amélia Machado Santos⁽⁸⁴⁾ e Rézio Buscaroli, a primeira numa comunicação apresentada ao I Congresso do Mundo Português e o segundo no estudo sobre *il concetto dell'arte nelle parole di Michelangelo*⁽⁸⁵⁾. Nos *Diálogos* (como nas poesias e outros escritos de Miguel Ângelo) se apoiam os seus mais recentes biógrafos e estudiosos, como Robert J. Clements em *Michelangelo's Theory of Art*⁽⁸⁶⁾ ou Charles de Tolnay em *The Art and Thought of Michelangelo*⁽⁸⁷⁾ e em outros escritos. John Bury, depois de um primeiro trabalho sobre a

(82) Lionello Venturi, *Storia della Critica d'Arte*, 8.ª ed., Torino, 1982, p. 108.

(83) Antony Blunt, *Artistic Theory in Italy 1450-1600*, 3.ª ed., Oxford, 1975, p. 57. Trad. italiana: *Le Teorie Artistiche in Italia dal Rinascimento al Manierismo*, 6.ª ed., Torino, 1981, p. 71.

(84) Mariana Amélia Machado Santos, *A Estética de Francisco de Holanda*, Lisboa, 1940.

(85) Rézio Buscaroli, *Il concetto dell'arte nelle parole di Michelangelo*, Bologna, 1945.

(86) Robert J. Clements, *Michelangelo's Theory of Art*, London, 1963. Trad. italiana: *Michelangelo: I. Le Idee sull'arte*, Milano, 1964.

(87) Charles de Tolnay, *The Art and Thought of Michelangelo*, New York, 1964.

obra geral do autor *Da Pintura Antigua*, estuda o seu contributo para a história da fortificação militar, em *Francisco de Holanda — A little Known source for the history of fortification in the sixteenth century* (88). Dois anos depois voltará ao problema da autenticidade, em conjunto com o catálogo das suas obras, em *Two Notes on Francisco de Holanda*. Em 1981, Rafael Moreira voltou àquele tema em *A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal*, estudo que evidentemente ultrapassa em muito os limites da obra de Francisco de Holanda (89). Robert Klein dedicou ao português o seu ensaio *Francisco de Holanda e les secrets de l'art* (90).

A identificação do novo álbum de desenhos, desta vez criação inteiramente original de Francisco de Holanda, o *De Aetatibus Mundi Imagines* anunciada em 1955 por Francisco Cordeiro Blanco, cuja publicação foi prometida em trabalhos sucessivos, não só fez aumentar o fervor dos estudiosos em relação às obras já conhecidas, como levou também a investigar a existência de outras obras de arte do mesmo artista, quer no domínio da pintura, quer no da arquitectura. Jorge Segurado, que depois de Joaquim de Vasconcelos é o mais apaixonado estudioso português da obra do nosso autor quinhentista, entre cujos trabalhos avulta o volume que leva o nome de *Francisco de D'Ollanda* (91), onde, além do mais, se publicam os fac-símiles do *Da Fábrica que falece ha cidade de Lisboa* e do anexo *De quanto serve a Sciência do Desenho e Entendimento da Arte da Pintura*, em 1983 cuida a publicação do *Aetatibus Mundi Imagines* (92). Se das dúvidas de novo levantadas à sua historicidade pelo encarregado dos assuntos culturais da embaixada italiana em Lisboa, Riccardo Averini (93), alguma conclusão é de tirar, é a da necessidade de submeter a uma rigorosa análise crítica a obra de Francisco de Holanda.

Felizmente esse estudo já se inicia. Assim, a par de uma obra de divulgação, de vantajosa difusão entre o público, qual é *Francisco de Holanda — Vida, Pensamento e Obra*, de José Stichini Vilela (94), uma estudiosa francesa,

(88) John Bury, *Francisco de Holanda — A little Known source for the history of fortification in the sixteenth century*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», XV, Paris, Fundação C. Gulbenkian, 1979, pp. 531-542; Idem, *Two Notes on Francisco de Holanda*, London, 1981.

(89) Rafael Moreira, *A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica — Actas do Simpósio Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte de João de Ruão», Coimbra, 1981, pp. 281-305.

(90) Robert Klein, *Francisco de Holanda e les secrets de l'art*, in «Colóquio», n.º 11.

(91) Jorge Segurado, *Francisco d'Ollanda*, Lisboa, 1970.

(92) Francisco D'Ollanda, *De Aetatibus Mundi Imagines — Livros das Idades*. Edição fac-similada com estudo de Jorge Segurado, Lisboa, 1983.

(93) Riccardo Averini, *Francisco D'Holanda e o Juízo de Miguel Angelo sobre a Pintura Flamenga*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica — Actas do Simpósio Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte de João de Ruão», Coimbra, 1981, pp. 79-86.

(94) José Stichini Vilela, *Francisco de Holanda — Vida, Pensamento e Obra*, Lisboa, 1982.

Sylvie Deswarte, que já antes dedicara alguma atenção ao português, começou a publicar alguns estudos críticos dedicados a Francisco de Holanda ⁽⁹⁵⁾.

O caminho a seguir no estudo da obra de Francisco de Holanda deve arrancar da publicação de uma edição crítica de todos os seus escritos e desenhos e de um trabalho em que a mesma seja enquadrada convenientemente no seu tempo, de modo a poder ser devidamente compreendida no seu valor histórico, quer como testemunho da sua época, quer como contributo original nos domínios da historiografia da arte.

NOTA FINAL

Esta «introdução», redigida em 1983, encontrava-se já na tipografia quando nas livrarias apareceram novas edições dos textos de Francisco de Holanda, cuja menção, por altura da revisão de provas, se incluiu ainda no lugar próprio. Anota-se com agrado o contributo que estas novas edições vêm dar para a divulgação dos escritos holandeses.

Continua, porém, a sentir-se a falta de uma edição diplomática, pelo menos dos tratados de que chegaram até nós os manuscritos quinhenistas, acompanhada de adequado aparelho crítico ⁽⁹⁶⁾, uma vez que pouco mais se tem feito que reimprimir os textos dados à estampa por Joaquim de Vasconcelos, e ignoram-se estudos importantes dedicados ao interlocutor de Miguel Ângelo, assim como se desconhecem várias edições das suas obras publicadas no estrangeiro. Por esse motivo, acima ficaram registadas as edições conhecidas, em português e noutras línguas, dos escritos de Francisco de Holanda, e, a concluir, junta-se um elenco da bibliografia que expressamente trata dessa obra e do seu autor.

⁽⁹⁵⁾ Sylvie Deswarte, *Francisco de Holanda e les Études Vitruviennes en Italie*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica — Actas do Simpósio Internacional Comemorativo de IV Centenário da Morte de João de Ruão», Coimbra, 1981, pp. 227-280.

Idem, *Les «De Aetatibus Mundi Imagines», de Francisco de Holanda*. Paris, 1983.

⁽⁹⁶⁾ De todas, a edição que ostenta melhor aparato crítico é a preparada por Angel González García, sendo de lamentar que na edição de um texto português, na língua original, as notas apareçam em castelhano.



Fig. 1 — *Auto-retrato de Francisco de Holanda, na última folha do «De Aetatibus Mundi Imagines»*

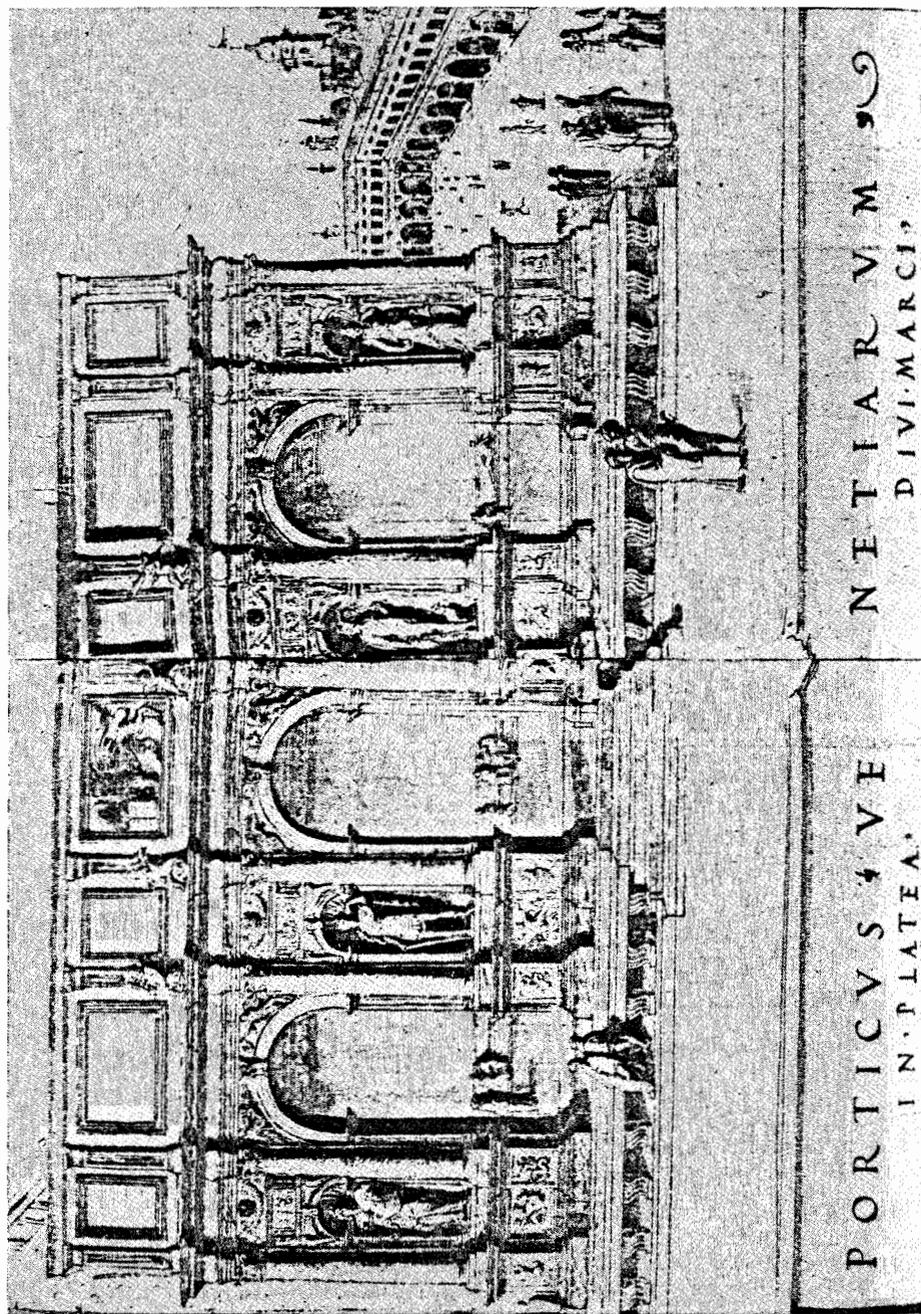
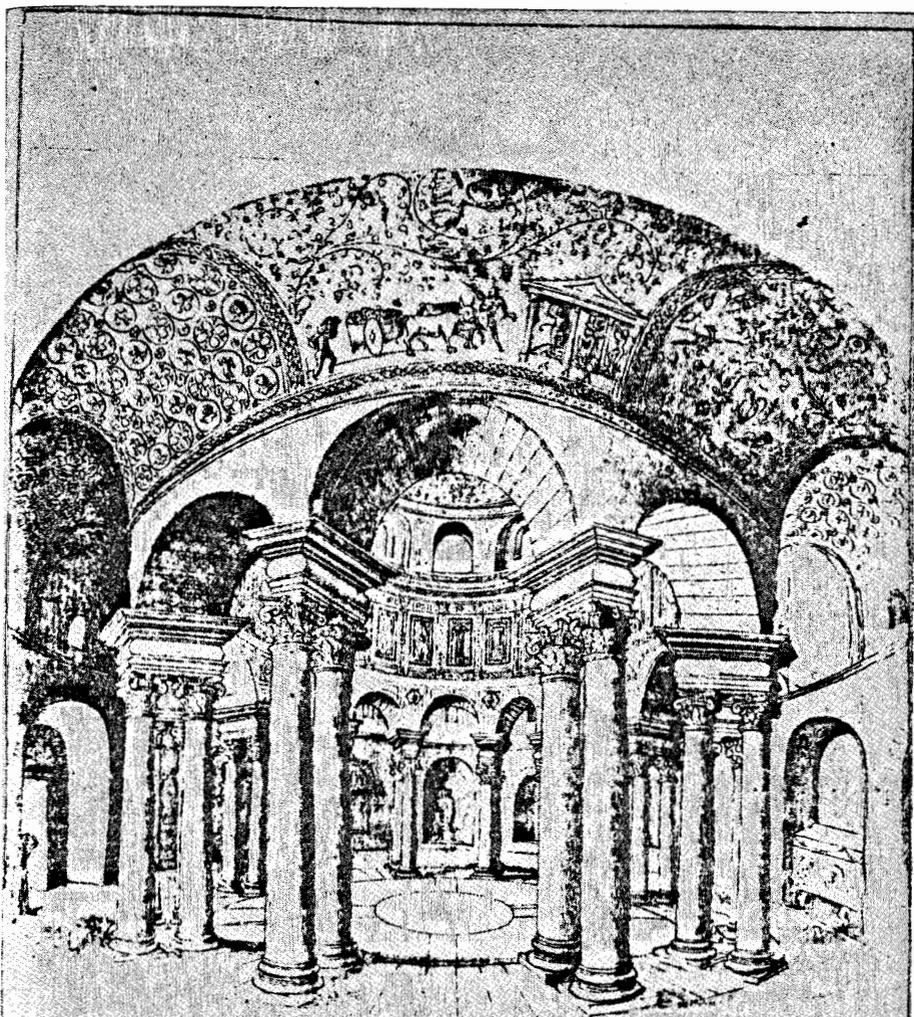


Fig. 2 — A «Loggetta» de Venega, de Jacopo Sansovino, desenhada no álbum «Desenhos das Antiquidades»



SIC · ROMA · E · VETVS
TISSIMVM · TEMPLVM · BA
CCHI · EXTRA · MVROS

Fig. 3 — Interior do «Templo de Baco» (no álbum «Desenhos das Antigualhas»). Ao contrário do que se pensava no séc. XVI, trata-se da Basilica de Santa Constança, construída por ordem do imperador Constantino

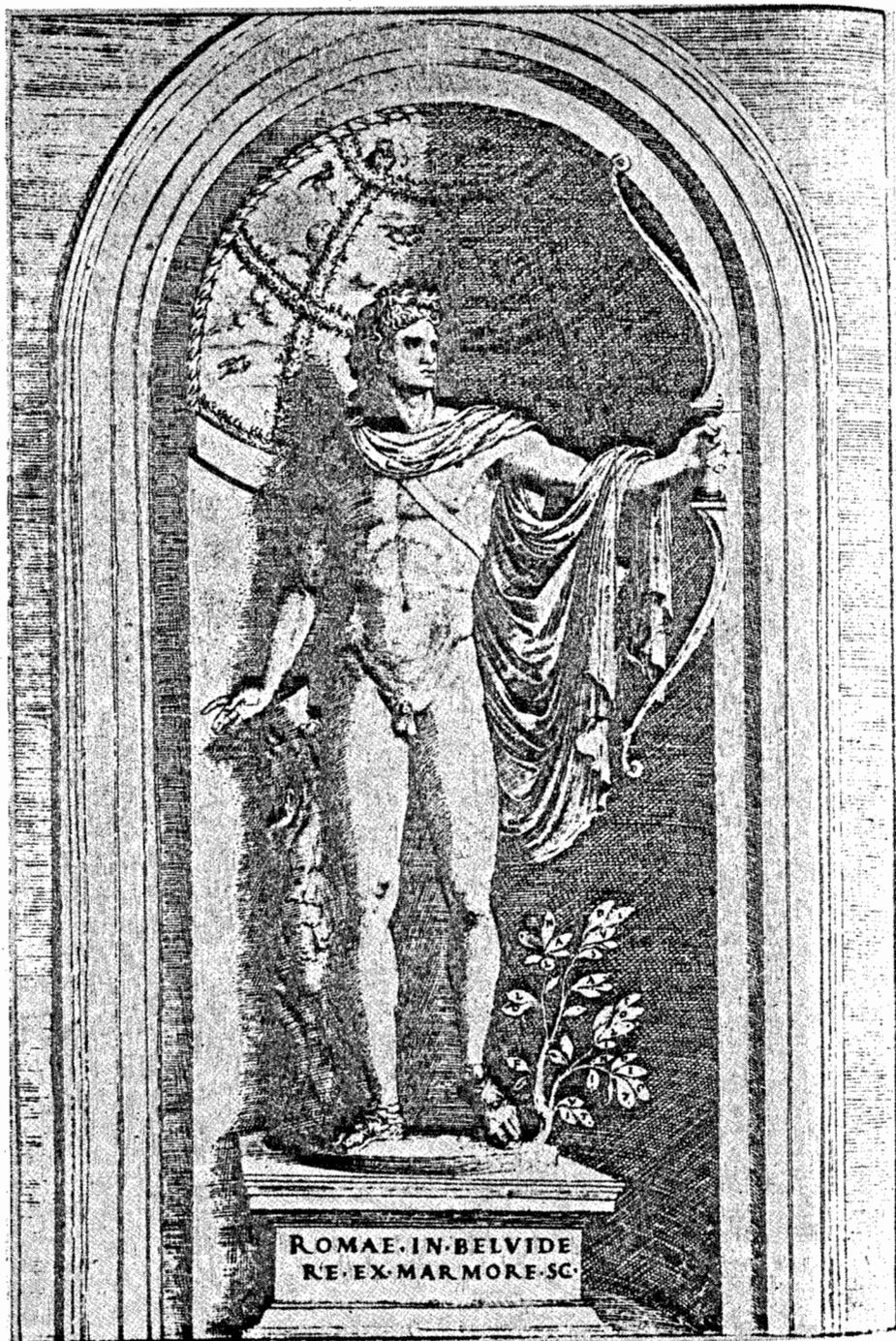


Fig. 4 — O Apolo de Belvedere (no álbum «Desenbos das Antigualbas»)



Fig. 5 — Adão e Eva expulsos do paraíso. Neste como em muitos outros desenhos do «Do Aetatibus Mundi Imagines», além dos valores artísticos, é bem claro o pendor arqueológico do Holanda, para quem o próprio barátao terrestre adquire as formas da antiga cidade clássica

BIBLIOGRAFIA

- ARU, Carlo — *I Dialoghi Romani di Francisco de Holanda* in «L'Arte», annata XXXI, fasc. III, 1928, pp. 121-128.
- *I Dialoghi Romani di Francisco de Holanda ed il loro giusto valore per la conoscenza delle idee di Michelangelo sull'arte*, in «Atti del I Congresso Nazionale di Studi Romani», vol. I, Roma, 1928, p. 799.
- AURELII, Antonietta Maria Bessone — *Della Sincerità di Francisco de Holanda*, in «Il Vasari», Arezzo, 1930, pp. 202-210.
- *I Dialoghi Michelangioteschi di Francisco de Holanda*. Traduzione dal portoghese con introduzione, cenni biografici, note e appendici. 1.^a ed., Roma, 1924; 2.^a, 1925; 3.^a, 1939; 4.^a, 1953.
- AVERINI, Riccardo — *Francisco d'Ollanda e o Juízo de Miguel Ângelo sobre a Pintura Flamença*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica — Actas do Simpósio Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte de João de Ruão», Coimbra, 1981, pp. 79-86.
- BARELLI, E. Spina — *Dialoghi Romani con Michelangelo*. Trad. L. Marchiori, introd. e note di E. Spina Barelli, Milano, 1964.
- BATTELI, Guido — *L'Albo delle «Antichità d'Italia» di Francisco de Hollanda*, in «Bibliofilia», XLI, 1934, pp. 27-35.
- *Le «Aquila» di Francisco de Holanda*, in «Arte», 1940, pp. 128-133.
- *La Roma di Francisco d'Ollanda*, in «Studi Romani», vol. II, Roma, 1954, pp. 536-540.
- BELL, Aubrey F. G. — *Four dialogues on painting rendered into English by...* Oxford, 1928.
- *Tractato de pintura antiga*. English translation by... London, 1928.
- BLANCO, Francisco Cordeiro — *Uma grande descoberta artística. Francisco de Holanda identificado como verdadeiro autor dum precioso álbum de 152 desenhos de artista desconhecido*, in «O Cronista», Ano II, n.º 37 (17/12/1952).
- *Um Livro Desconhecido de Francisco de Holanda*, in «Aleluia», n.º 34, 1953.
- *Identificación de una obra desconocida de Francisco de Holanda*, separata de «Archivo Español de Arte», vol. XXVIII, 1955.
- *Notula holandiana*, in «Documentos para o estudo da arte em Portugal», Lisboa, 1958.
- *A Obra de Pintura de Francisco de Holanda*, separata de «A cidade de Évora», 1958.
- *Um grande artista à procura de um mecenas — as obras de Francisco de Holanda e a Espanha*, in «Diário de Notícias», 19/1/1959.
- BLUNT, Anthony — *Artistic Theory in Italy 1450-1600*, 3.^a ed., Oxford, 1975.
- BURY, John — *Francisco de Holanda — A Little Known Source to the Sixteenth Century*, in «Portugal and Brasil, an Introduction», Oxford, 1953.
- *A Little Known Source for the History of Fortification in the Sixteenth Century*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», XV, Paris, 1979, pp. 531-542.
- *Two notes on Francisco de Holanda*, London, The Warburg Institute, University of London, 1981.

- BUSCAROLI, Rezio — *Il Concetto dell'Arte nelle Parole di Michelangelo*, Bologna, 1945.
- CANTON, F. J. Sanchez — *Fuentes Literarias para la Historia del Arte Español*, Madrid, 1923.
- CASTELO-BRANCO, Fernando — *Francisco de Olanda e Nuno Gonçalves*, separata de «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto», 1960.
- CASTRO, Abade de (A. D. de Castro e Sousa) — *Vida de Francisco de Ollanda, Illuminador e Architecto Português que Floresceu no Décimo Sexto Século*, Lisboa, 1844.
— *Resumo Histórico da Vida de Francisco de Holanda*, in «Arquivo de Architectura Civil», n.º 10, Lisboa, 1867.
- CATTANEO, Irene — *Francisco de Holanda*, in «Vie d'Italia», Marzo 1928.
- CERCHIARI, Aldo L. — *Parla Michelangelo (Da «De la Pintura Antiga» di F. de H.)*, Milano, 1946.
- CLEMENT, Charles — *Michel-Ange d'après des nouveaux documents*, in «Revue des Deux Mondes», XXIX année, 1 juillet, 1859.
- CLEMENTS, Robert J. — *The Authenticity of Francisco de Hollanda's Dialogos em Roma*, in «Publication of the modern Language Association», LXI, 1946, pp. 1018-1028.
— *Michelangelo's Theory of Art*, New Iork-Zurich, 1961.
— *Idem, idem*, London, 1963; trad. italiana: *Michelangelo. I. Le idee sull'arte*, Milano, 1964.
- CORREIA, Vergílio — *Da Fábrica que falece à Cidade de Lisboa*, edição preparada por Alberto Cortês (1918) que agora publica Vergílio Correia. Separata de «Arquivo Español de Arte e Arqueologia», n.º 15, Madrid, 1929.
- CORTÊS, Alberto — Cf. CORREIA, Vergílio.
- DENIS, Manuel — *De la Pintura Antigua por Francisco de Holanda*, version castellana de... con prefácio de Elias Tormo, Madrid, 1921.
- DERS — *Antiguidades de Italia por Francisco de Holanda*, Lisboa, 1896.
- DESWARTE, Sylvie — *Contribution a la connaissance de Francisco de Holanda*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», VII, Paris, 1973, pp. 421-429.
— *Les enluminures de la Leitura Nova, 1504-1552*, Paris, 1977.
— *Francisco de Hollanda e les Études Vitruviennes en Italie*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica — Actas do Simpósio Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte de João de Ruão», Coimbra, 1981, pp. 227-280.
— *La «machine du monde»: Camoens et Francisco de Holanda. A propos de Lus. X, 76-91*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», XVI, Paris, 1981, pp. 325-344.
— *Les «De Aetatibus Mundi Imagines» de Francisco de Holanda*, Paris, 1983.
- FROCCO, Giuseppe — *L'Influenza del Rinascimento e del Baroco nell'Arte Portoghese*, in «Relazioni storiche fra la Italia e il Portogallo», Roma, 1940.

FOURNIER, Th. — *Die 'Manuskripte des F. D'Olanda*, in «Jahrbuch für Kunstwissenschaft», Leipzig, 1968, pp. 335-358.

FRÈCHES, José — *Les Dialogues de Rome de François de Hollande*, Paris, 1973.

GARCIA, Angel González — *Da Pintura Antiga*, Lisboa, 1984.

GONÇALVES, Flávio — *Jorge Segurado, Francisco d'Olanda*, in «Colóquio-Artes», n.º 3, Junho 1971, pp. 65-66.

GOMES, Elviro Rocha — *Os Diálogos de Francisco de Holanda — sua tradução em alemão*, in «O Primeiro de Janeiro», 11 de Dezembro 1963.

GORDO, Joaquim José Ferreira — *Apontamentos para a História Civil e Litterária de Portugal e seus Dominios, collegidos dos Manuscritos assi nacionaes como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escorial, e nas de alguns Senhores e Letrados da Corte de Madrid*, in «Memória de Literatura Portuguesa publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa», Tomo III, Lisboa, 1792.

— *Memórias de Francisco de Olanda, collegidas de seus escritos e outros auctores*, manuscrito inédito, Academia das Ciências de Lisboa, 1809.

GOTTI, Aurelio — *Vita di Michelangelo Buonarrotti*, narrata con l'aiuto di nuovi documenti, vol. I, Firenze, 1875.

GREGO, Aulo — *Vittoria Colonna*, Milano, 1961.

GRIMM, H. — *Leben Michelangelo's*, Hannover, 1873.

GUARIENTI, Pietro — *Abecedario Pittorico del Pellegrino*, acresciuto da..., Venezia, 1753.

HOLROYD, Charles — *Michel Angelo Buonarrotti*. Wirth translations of the life of the master by his scholar Ascanio Condivi and three dialogues from the portuguese by Francisco D'Olanda, London, 1903.

JUSTI, Karl — *Die Alportugiesche Maler Schule*, in «Preusse Jahrb», vol. IX, 1888, p. 137.

KLEIN, Robert — *Francisco de Holanda e les secrets de l'art*, in «Colóquio», n.º 11, Dez. 1960, pp. 6-9.

LIMA, J. da Costa — *Antigualbas*, in «Broteria», XXXVI, Lisboa, 1943, pp. 468-480.

MACHADO, Cyrilo Volkmar — *Colecção de Memorias relativas às vidas dos pintores e esculptores, architectos e gravadores portugueses e dos estrangeiros que estiverão em Portugal*, Lisboa, 1823, nova edição com notas do Dr. J. M. Teixeira de Carvalho e do Dr. Vergílio Correia, Coimbra, 1922.

MACHADO, Diogo Barbosa — *Bibliotheca Lusitana*, vol. II, 1747; nova edição, Coimbra, 1966.

MARCH, José M. — *Los dibujos de las antiguedades que vió Francisco de Holanda*, in «Razon y Fé», tomo 126, Madrid, 1942.

MARCHIORI, L. — *Dialoghi romani con Michelangelo*, trad. L. Marchiori, introd. e note di E. Spina Barelli, Milano, 1964.

- MARIANI, Valerio — *I «Dialoghi» di Francisco de Holanda*, in Valerio Mariani, *Argomenti d'Arte*, Napoli, 1961, pp. 55-60.
- MENDES, Manuel — *Francisco de Holanda — Diálogos de Roma*, Lisboa, 1955.
- MOREIRA, Rafael — *A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal*, in «A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica — Actas do Simpósio Comemorativo do IV Centenário da Morte de João de Ruão», Coimbra, 1981, pp. 281-305.
- *A Ermida de Nossa Senhora da Conceição, mausoleu de D. João III*, in «Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar», n.º 1, 1981.
- *Novos dados sobre Francisco de Holanda*, in «Sintrya. Boletim Cultural da Câmara de Sintra», I, 1983.
- NORTON, Thomaz Mendes — *Oeuvres d'Arte de Raphael au Monastère de Refojos do Lima en Portugal*, tradução francesa de Louis Carlomain Capdeville, Lisboa, 1888. Pp. 135-148: *Manuscrit de François de Holland. De la Peinture Ancienne. 1549. Livre Second (Diálogos)*. Pp. 148-150: *Copie d'une partie du manuscrit intitulé «Des monuments qui manquent à la ville de Lisbonne» par François de Holland année 1571*. Tradução de M. Roquemont.
- PAMPLONA, Fernando de — *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. II, Lisboa, 1956.
- PELAYO, Marcelino Menendez y — *Tratadistas de bellas artes en el Renacimiento Español*, in «Estudios y discursos de critica historica e literaria», vol. VII, Madrid, 1942, pp. 141-209.
- *Historia de las ideas esteticas en España*, vol. II, Madrid, 1940.
- PELLIZZARI, Achille — *Juan Augustin Cean Bermudez*, in «L'arte», XXIII, I.
- *I Trattati attorno le Arti Figurative in Italia e nella Penisola Iberica. Vol. Primo. Dalle Antichità classica al sec. XIII*. Napoli, 1915.
- *Operi di Francisco de Holanda*. Napoli, 1914.
- PERER, Maria Luisa — *L'ambiente attorno a Michelangelo*, in «Acme», vol. III, pp. 89-149.
- PFISTER, Kurt — *Vittoria Colonna*. München, 1950.
- PIZZIGONI, Mario — *Vittoria Colonna*, Firenze, 1885.
- RACZYNSKI, A. — *Les arts en Portugal, lettres adressées à la Société Artistique e Scientifique de Berlin et accompagnées de documents*, Paris, 1842. Trad. dos Diálogos por M. Roquemont.
- *Dictionaire Historico-Artistique du Portugal*, Paris, 1847.
- *Quatre entrètiens sur la peinture, tenus a Rome en 1538-1539*, Paris, 1846. Trad. dos Diálogos por M. Roquemont.
- RADIUS, Emilio — *Colloqui con Michelangelo*. Milano (1945).
- REUMONT, Alfred von — *Kunst und Künstler in Rom zur Zeit Papst Pauls III*, in «Algemeine Preussische Staatszeitung», 1847, n.º 205.
- ROQUEMONT, M. — Cf. RACZYNSKI, A. e NORTON, Thomaz Mendes.

ROUANET, Leo — *Quatre Dialogues sur la Peinture de Francisco de Hollanda portugais*, Paris, 1911.

RZEPINSKA — *Contributo al «Dialoghi romani» di Francisco d'Holanda*, in «Commentari», 11, 1960, pp. 248-259.

SANTOS, Mariana Amélia Machado — *A Estética de Francisco de Holanda*, in «I Congresso do Mundo Português», vol. XIII, Lisboa, 1940.

SANTOS, Reinaldo dos — *Os Desenhos de Francisco de Holanda — comentário crítico à edição espanhola*, in «Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes», XI, 1942, pp. 32-47.

— *Un exemplaire de Vasari annoté par Francisco de Holanda*, in «Studi Vasariani», 1952, pp. 91-92.

SARAIVA (Cardeal), D. Francisco de S. Luís — *Obras Completas*, tomo VI, Lisboa, 1839, pp. 383-386.

SCHLOSSER Magnino, Julius — *La Letteratura Artistica*, Firenze, 1977, trad. de Filippo Rossi, 3.^a ed. italiana aggiornata da Otto Kurz.

SEGURADO, Jorge — *Francisco d'Ollanda*, Lisboa, 1970.

— *Dois pinturas de quinhentos de Francisco de Holanda*, in «Belas Artes», 2.^a série, n.ºs 28-29, Lisboa, 1975, pp. 83-103.

— *Sobre Francisco de Holanda*, separata de «Arquivo do Centro Cultural Português», vol. IX, Paris, 1975.

— *Da Obra Filipina de São Vicente de Fora*, Lisboa, 1976.

— *Da Igreja Manuelina da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1977.

— *Francisco de Holanda e o Retábulo da Madre de Deus*, in «Belas Artes», 2.^a série, n.º 1, Lisboa, 1977, pp. 19-34.

— *Francisco d'Ollanda e um desenho de Michelângelo*, in «Belas Artes», 3.^a série, n.º 1, Lisboa, 1979, pp. 37-49.

— *Francisco de Holanda, De Aetatibus Mundi Imagines — Livro das Idades*, Lisboa, 1983, ed. fac.-símile com introd. e anotações.

SILVA, Inocêncio da — *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, 1857.

STEINMANN-WITTKOWER — *Michelangelo Bibliographie*, Lipsia, 1927.

STOICHITA, Victor Ieronim — *Dialoguri romane cu Michelangelo. Francisco de Holanda*. Bucuresti, 1974.

TIETZE, Hans — *Francisco de Hollanda und Donato Giannotti's Dialoge und Michelangelo*, in «Reportorium für Kunstwissenschaft», vol. XXVIII, 1905, pp. 295-320.

TOLNAY, Charles de, ed altri — *Michelangelo. Artista, pensatore, scrittore*, Novara, 1965.

TOLNAY, Charles de — *The Art and Thought of Michelangelo*, New York, 1964.

— *The Youth of Michelangelo*, Princeton, 1943.

- TORMO, Elias — *De la Pintura Antigua, por Francisco de Holanda, version castellana por Manuel Denis*, pref. de Elias Tormo, Madrid, 1921.
- *Os Desenhos das Antigualhas que vio Francisco d'Ollanda, pintor português (1530-1540) publicados con notas ds estudio y preliminares el prof. E. Tormo, de la Universidade de Madrid*, Madrid, 1940.
- *No Centenário do Grande Artista Florentino Michelangelo*, in «Arquivo do Centro Cultural Português», Paris, 1975.
- TOSCANO, Bianca — *Il pensiero di Michelangelo sull'arte*, Napoli, 1951.
- TUBINO, Francisco Maria — *Renascimento pictórico en Portugal*, in «Museo Español de Antigüedades», vol. VII, Madrid, 1876, pp. 493-527.
- VASCONCELOS, Joaquim de — *Da Fabrica que falece à Cidade de Lisboa — Da Sciência do Desenho, ed. crítica*, in «Archeologia Artística», 1873-1878 e separata, Porto, 1879.
- *Da Pintura Antigua*, in «A Vida Moderna», Porto, 1890-1892.
- *Quatro Diálogos da Pintura Antigua. Francisco de Holanda, Miguel Angelo, Vittoria Colona, Lattanzio Tolomei interlocutores em Roma*, Porto, 1896.
- *Antigüidades de Itália por Francisco de Holanda. Descrição crítica dos Desenhos do Escorial*, in «Archeólogo Português», II, n.º 2, 1896, e separata, Lisboa, 1896.
- *Francisco de Holanda — Vier Gespräche Die Malerei Geführt zu Rom 1538*. Original text mit Übersetzung, Einleitung, Beilagen und Erläuterungen von Joaquim de Vasconcelos, Wien, 1899.
- *Do Tirar polo Natural*, in «A Vida Moderna», Porto, 1915.
- *Francisco de Holanda. Da Pintura Antigua*. Comentário e notas, Porto, 1918 e 1930.
- VENTURI, Lionello — *Storia della Critica d'Arte*, 8.ª ed., Torino, 1982.
- VILELA, José Stichini — *Francisco de Holanda — Vida, Pensamento e Obra*, Lisboa, 1982.
- VITALETTI, Guido — *Michelangelo, Lettere e Rime*, per cura di..., Torino, 1925.
- VITERBO, Francisco Marques de Sousa — *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a serviço de Portugal*, Lisboa, 1899-1922.